

Capítulo 15

A Convenção De Jerusalém. At. 15. 1-35.

A pergunta sobre a circuncisão: *V. 1) Alguns indivíduos que desceram da Judéia, ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. 2) Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão. 3) Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos. 4) Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, e relataram tudo o que Deus fizera com eles.* As congregações cristãs da Palestina e da Síria gozavam agora uma época de paz exterior e de progresso, e por isso Satanás, como semeador que é de discórdia, resolvera criar desunião interna, operando, desta forma, um prejuízo muito grande. Já houvera alguma insatisfação entre os da circuncisão em Jerusalém, por ocasião da entrada de Pedro na casa de Cornélio, cap. 11. 2,3. Naquela vez o assunto fora acomodado satisfatoriamente, quando Pedro havia exposto os fatos que motivaram o caso. Parece, porém, que certos membros da igreja desde então novamente se haviam revoltado, sendo seus preconceitos incapazes de se sentir satisfeitos sobre o que acontecia. Como parece, alguns destes propositalmente desceram até Antioquia na Síria, e não o expressaram como sua opinião, mas começaram a ensinar, fazendo todo esforço para impor seu ensino nos irmãos da congregação, afirmando que eles, caso não recebessem a circuncisão conforme o costume de Moisés, não podiam ser salvos. Desta forma fizeram da circuncisão, que era um sacramento do Antigo Testamento, uma condição de salvação no Novo Testamento. Foi natural que o assunto causou uma controvérsia e discussão muito acalorada, visto que Paulo e Barnabé, possivelmente, não se puderam calar diante de um ataque tão público à sua obra na Antioquia, em Chipre, e na Ásia Menor. Por isso os mestres judaizantes foram os responsáveis por esta discórdia perigosa; começaram a questionar e a discutir. É difícil compreender a angústia e confusão que deve ter seguido e torturado as mentes dos irmãos enquanto a controvérsia avançava. Os homens vindos da Judéia insistiam com ênfase tão áspera em seus pontos, que Paulo e Barnabé não conseguiram silenciá-los. Por isso a congregação, finalmente, resolveu e concluiu que Paulo e Barnabé e mais alguns homens de seu meio deviam empreender a viagem para Jerusalém para, se possível, resolver esta pergunta em discussão. Desta forma Paulo e Barnabé foram comissionados pela congregação de Antioquia, por isso agiram como seus delegados. Tito esteve entre os seus companheiros, Gl. 2. 1, 3. Notemos: Este procedimento da congregação do norte não foi algum apelo a um tribunal mais alto nem ainda a um corpo representativo, mas simplesmente uma missão ou delegação de uma congregação, em si mesma independente e autônoma, a uma outra do mesmo nível. Tendo sido fortalecidos pela congregação para sua viagem, o que aconteceu nesta maneira que os membros os acompanharam em certa distância, que foi uma ação que tanto enfatizou a seriedade da ocasião como o interesse que os irmãos tinham pelo assunto, o pequeno grupo desceu cuidadosamente pela costa pela Fenícia, para a seguir cruzar a Samaria para o sudeste. Nos lugares em que encontravam irmãos, contaram-lhes na íntegra a conversão dos gentios, tal como eles próprios o haviam testemunhado e experimentado. E em todos os lugares encontraram quem os escutasse com terno interesse, sendo estes aqueles a quem seu relato da maravilhosa graça do Senhor trouxe grande alegria. Quando se aproximaram de Jerusalém, haviam deixado atrás de si uma corrente de congregações em que os corações estavam elevados em pura alegria ao Senhor sobre o milagre de sua redenção de todos as pessoas. Tendo chegado a Jerusalém, Paulo e seus companheiros foram recebidos por toda a congregação, bem como pelos apóstolos que na ocasião estavam na capital e pelos anciãos do organismo local, e prestaram um relatório completo, contando as muitas e grandes coisas que Deus fizeram com eles como seus instrumentos da graça, bem como em favor deles, dando testemunho da Palavra à medida que eles a pregavam.

A exigência dos antigos fariseus e a resposta de Pedro: *V. 5) Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus, que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés. 6) Então se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão. 7) Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse: Irmãos, vós sabeis que desde há muito Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem. 8) Ora, Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera. 9) E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações. 10) Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? 11) Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram. 12) E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios.* As coisas pareciam acomodar-se de modo agradável, quando surgiu oposição. Alguns homens que anteriormente haviam pertencido à seita dos fariseus haviam sido convencidos pelas provas do evangelho e em verdadeira fé haviam aceito a Jesus. Persistiram, porém, algumas de suas antigas idéias sobre a necessidade de guardar a lei. Agora estes se ergueram na reunião e, com grande ênfase expressaram sua opinião, a saber, que para todos os convertidos dos gentios era absolutamente necessário serem circuncidados e observar a lei de Moisés, isto é, a lei cerimonial, tal como ela dizia respeito ao povo de Deus do Antigo Testamento. Esta mesma doutrina falsa e perigosa surgiu em todos os tempos na igreja, a saber, que a guarda da lei é essencial para merecer a salvação. Esta foi uma objeção muito grave e uma nota discordante na harmonia da reunião, sendo de fato tão grave, que a reunião foi suspensa para se reunir mais uma vez em outra ocasião. Quando a convenção, constituída pelos apóstolos e anciãos junto com toda a congregação, vv. 12, 22, 25, se reuniu de novo, foi com o objetivo expresso de examinar de perto este assunto, de chegar a uma conclusão definitiva sobre esta discussão perigosa. A reunião não foi aberta de maneira muito auspiciosa. Houve um debate acalorado sobre muitas questões pontiagudas, insistindo o partido fariseu para as suas opiniões fossem aceitas. Mas, depois que esta discussão prosseguiu por algum tempo, Pedro se ergueu e tomou a palavra. Apresentou seus pontos de modo perfeitamente calmo e objetivo. Lembrou-os, ao se dirigir à assembléia como “homens e irmãos”, que descobriam, e que por isso estavam plenamente conscientes do fato, que Deus, desde os primeiros dias, sim, quase com fundação da igreja, realmente decidira que por sua boca, a saber pela boca de Pedro, os gentios deviam ouvir a palavra do evangelho e chegar à fé. Referiu-se à demonstração que o Senhor dera no caso de Cornélio. Naquele tempo Deus, que conhece os corações e as mentes de todos os homens, cap. 1. 24, dera testemunho em favor dos gentios, dando-lhes o Espírito Santo, exatamente do mesmo modo como o dera aos apóstolos e a outros discípulos judaicos. Deus não fizera qualquer distinção, qualquer discriminação entre judeus e gentios, mas dera a estes últimos por meio da fé a plena purificação de alma. Ainda que fossem incircuncisos, o Espírito lhes fora concedido, exatamente como o foi aos da circuncisão. Aqui é contrastada a purificação exterior que cumpria o rito judeu com a total e completa purificação do coração que segue o crer em Jesus o Salvador. “Razão por que a fé da qual fala o apóstolo não é algum conhecimento inoperante, senão uma realidade que recebe o Espírito Santo e nos justifica”¹⁾ Pedro argumenta, visto que estas coisas eram verdade, por que tentariam eles a Deus, por que o colocaram à prova, por que testariam a sua paciência e longanimidade, com a insinuação de que ele houvera admitido membros indignos em sua igreja? Por que imporiam a estas pessoas, que Deus admitira sem o rito judaico, um jugo, o jugo da lei cerimonial, o qual nem seus pais e neles eles haviam sido capazes de carregar? As obrigações detalhadas que governavam, até, os atos mais pequeninos da vida diária, sempre se mostraram um jugo pesado a todos os judeus, e seria errado transferir este peso aos gentios. E este argumento teve tanto mais força, quando se tem em vista que todos eles, tanto judeus como gentios, esperavam ser salvos por graça, por meio da imerecida graça do Senhor Jesus Cristo. Toda e qualquer lei e regulamento que enfatizassem méritos e obras da parte do homem, naturalmente, depreciavam a glória da graça misericordiosa do Senhor, e tornariam a própria salvação em algo incerto. Os argumentos de Pedro foram inquestionáveis e fizeram que os oponentes se calassem e permanecessem em

¹⁾55) *Apologia*, Mueller, 105 (cf. Liv. Conc. Apol. IV, 99, pag. 125).

silêncio. Além disso, o debate em geral não foi assumido novamente, pois agora Barnabé e Paulo tomaram a palavra, e a multidão toda os escutou enquanto narravam os muitos e grandes sinais e milagres que Deus por eles fizera entre os gentios. Notemos, que aqui Lucas coloca o nome de Barnabé novamente em primeiro lugar. Fora Paulo que havia falado ao vidente Elimas; fora Paulo que em Listra curara o homem aleijado; por isso foi natural que cabia a Barnabé lembrar estes fatos. Quando o Senhor confirmou desta forma a palavra do evangelho entre os gentios, quando Paulo e Barnabé convidavam os gentios e os organizavam em congregações sem lhes imporem as exigências da legislação mosaica, deu ele provas de que aprovava a obra deles e que enfatizava o evangelho da misericordiosa graça que há em Cristo Jesus.

A proposta de Tiago: *V. 13) Depois que eles terminaram, falou Tiago, dizendo: Irmãos, atentai nas minhas palavras: 14) Expôs Simão como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. 15) Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: 16) Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-se de suas ruínas, o restaurarei. 17) Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, 18) diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas destes séculos. 19) Pelo que julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, 20) mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue. 21) Porque Moisés tem, em cada cidade desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados.* Quando Barnabé e Paulo haviam concluído sua narrativa dos sucessos que tarefas tiveram, os ouvintes já não puderam ter qualquer outra impressão se não esta que a conversão dos gentios foi uma obra de Deus, e que seu discipulado, mesmo sem a observação da lei cerimonial, necessariamente lhe é aceitável. Não havendo mais quem pedisse pelo privilégio de falar, levantou-se Tiago, isto é, Tiago o Justo, o irmão do Senhor, que foi um dos pilares da congregação de Jerusalém, sendo, conforme relatos comuns sua cabeça depois que os apóstolos haviam sido expulsos, e fez sua contribuição aos fatos apresentados pelos oradores que o precederam. Pedindo que a audiência escutasse com carinho, começou suas observações com uma referência ao relato de Pedro: Simão expôs o modo pelo qual Deus, inicialmente, desde o começo, resolveu conseguir pessoas dos gentios ao seu nome como seus filhos, para a glória e o louvor de seu santo nome, e que são chamados pelo seu nome. As palavras dos profetas concordam com este fato. Ainda que Tiago só cita um dos profetas, ele, talvez, teve em mente o livro dos profetas ou indicou que os outros profetas fizeram afirmações semelhantes. Ele cita as palavras de Am. 9. 11, 12 conforme a tradução grega. Nela o Senhor prometera retornar depois disto, no tempo fixado por ele no futuro. Então ele edificaria novamente, ergueria mais uma vez, a tenda de Davi que fora destruída, lançada por terra. Ele não fala da igreja do Antigo Testamento como sendo a casa de Davi, como acontece em outros lugares, mas como uma tenda, uma barraca, uma choupana que se corrompera e caíra em ruínas. Esta choupana, porém, que estava caída por terra como que derrubada por uma tormenta, essa o Senhor queria edificar novamente e colocar novamente de pé como o tabernáculo do Novo Testamento. Esta reedificação das ruínas ocorreu em e por meio de Jesus Cristo, para que aqueles do povo que restaram buscassem de modo muito diligente ao Senhor, e para que as pessoas restantes, isto é, todos os gentios, não tomando consideração a pessoas e a obras, mas todos aqueles sobre quem seu nome é pronunciado na pregação do evangelho, se empenhassem para possuir as bênçãos do Senhor. Foi este Senhor quem fez todas estas coisas, cujo jeito de realizá-las não podia ser contradito. Pois ele não teve o costume de realizar qualquer de suas obras de modo casual, mas, desde o começo do mundo, agiu conforme planos definidos. E ele, desde os tempos antigos, desde o começo do mundo, tornou conhecidos estes fatos. Tiago, com base nestas afirmações proféticas claras, cujo cumprimento ninguém podia negar, depois de ter ouvido os relatos feitos à assembléia, agora se aventura a uma opinião, não necessariamente como presidente da reunião, mas como um orado que apresente o resultado de suas deliberações na forma duma resolução. Apresentou a proposta que eles não deviam inquietar ou molestar de qualquer forma aqueles dos gentios que se convertiam a Deus, e que pela fé haviam sido aceitos por ele. Sugeriu, porém, que fossem enviadas cartas a eles alertando-os contra a contaminação com culto a ídolos, contra a prática de fornicção, contra comer carne de animais estrangulados, e contra comer sangue. No culto a ídolos estiveram incluídas festas idólatras, em que era servida carne que haviam sido

sacrificada a deuses falsos. Até certo ponto, também, os pecados contra o sexto mandamento eram praticados nos templos dos ídolos, ainda que estes pecados prevalecessem também de modo diferente, aliás como indizíveis quebras da lei cristã da pureza. Esta é a vontade de Deus para os cristãos de todos os tempos, que evitem a fornicação e toda impureza, e que permaneçam incontaminados do mundo e seus prazeres, o que inclui as alegrias e os prazeres impuros e idólatras do mundo. Mas foi por outra razão que Tiago quis que fosse acrescentada a proibição sobre o comer animais que haviam sido golpeados na cabeça ou estrangulados, atos em que não havia a perda de sangue, bem como da comida do próprio sangue, Lv. 17. 13; Dt. 12. 16, 23; 15. 23. Estas práticas haviam sido proibidas no Antigo Testamento e haviam sido consideradas sumamente desagradáveis pelos judeus, como uma abominação diante do Senhor. E os cristãos judaicos não haviam sido capazes de se livrar deste sentimento nojo e repulsa. Por isso, na opinião de Tiago, os cristãos gentios, apropriadamente, podiam ser pedidos a terem neste caso alguma consideração com seus irmãos judaicos. Era o que a caridade cristã exigia, em especial onde as refeições eram feitas em comum. Tiago, ao concluir sua fala, acrescentou que, desde antigamente, Moisés teve em todas as cidades homens que o proclamavam nas sinagogas, visto que era lido nos cultos em cada sábado, isto é, seus livros eram lidos e expostos nos cultos. Por isso, existiram as chances que estes costumes mosaicos fossem bem conhecidos em todos os lugares, e que sua inobservância pudesse causar ofensa, parecendo que o caminho de salvação do Novo Testamento fosse diferente daquele do Antigo Testamento. Além disso, houve também o perigo que o relacionamento entre os cristãos judaicos e gentios fosse completamente interrompido, caso estes últimos não fossem dispostos, por amor à caridade, para observar uma maneira que possibilitasse a comunhão fraterna. Por último, aqueles que ainda se apegavam à observância externa dos costumes mosaicos não precisavam ficar apreensivos, visto que Moisés ainda era lido neste tempo. Tiago sabia muito bem que com o tempo isto mudaria, mas não sugeriu forçar o caso por meio de pressa sem tacto. Notemos: O plano que Tiago propôs não foi uma resolução de compromisso, como se tem dito. Não foi sua opinião que os cristãos de origem gentia deveriam ser onerados com toda a lei de Moisés, mas só com certas ordenanças. Mesmo a menor partícula da lei de Moisés, oposta a eles como condição de salvação, teria tirado a fé dos cristãos na graça imerecida e na misericórdia do Salvador. Sua sugestão foi meramente uma proposta que visava a ordem cristã, não querendo oprimir corações, mas simplificar o problema de unir duas raças que estão nas mesmas congregações para que não mais houvesse o perigo de atritos contínuos. Estas orientações não disseram respeito ao caminho da salvação, visto que este os gentios haviam aprendido do evangelho.

A resolução da assembléia: *V. 22) Então pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: foram Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens notáveis entre os irmãos, 23) escrevendo, por mão deles: Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros, aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saudações. 24) Visto sabermos que alguns (que saíram) de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando as vossas almas, 25) pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo, 26) homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. 27) Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas. 28) Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais: 29) Que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde.* A fala de Tiago acabou com a discussão. A oposição não pôde resistir a esta exposição clara. O modo empregado por esta assembléia serve de exemplo até ao dia de hoje. Quando há diferenças de opinião na congregação ou na igreja, em especial as sobre alguma doutrina cristã, cabe aos cristãos discutir e resolvê-las por meio de reuniões, tanto em assembléias congregacionais como sinodais. A palavra de Deus decide todas as perguntas. Quando um detalhe de doutrina foi claramente destacado das Escrituras, então todos os cristãos genuínos alegremente irão anuir à verdade mas repudiar à opinião errada. Tendo Jerusalém, quanto a si mesma, resolvido o problema, os apóstolos e anciãos, junto com toda a congregação, decidiram escolher do seu meio homens e enviá-los com Paulo e Barnabé para Antioquia. A eleição

resultou na escolha de dois homens de renome entre eles, a saber, Judas Barsabás e Silas (sendo este último idêntico com o Silas de 2. Co. 1. 19 ou com Tércio, Rm. 16. 22). Estes representantes ou delegados da congregação foram equipados de credenciais correspondentes, ou com cartas de identificação, endereçadas não só à congregação de Antioquia, mas também aos da Síria e Cilícia, que foram as províncias em que provavelmente a controvérsia então era conhecida. Os apóstolo e anciãos e irmãos, antes de tudo, rejeitaram qualquer responsabilidade nas palavras daqueles que, alegando virem da congregação de Jerusalém, haviam inquietado e agitado os irmãos com seus ensinamentos e perturbado suas almas com afirmações não autorizadas sobre a necessidade da circuncisão e a obrigação da guarda da lei. Estes falsos mestres haviam agido sem a autoridade e a ordem da congregação mãe, totalmente de modo arbitrário. Por isso a assembléia em Jerusalém, representada pelos portadores da carta, tendo chegado a uma só opinião e tendo agora uma só mente, decidiu eleger homens e enviá-los para Antioquia com os delegados desta, que eram Paulo e Barnabé. Os dois últimos são muito destacados e louvados como homens que ofereceram suas próprias almas, e arriscado suas vidas, pelo nome do Senhor Jesus Cristo. Estes homens, nas perseguições que lhes haviam ocorrido, em todos os seus intentos e propósitos haviam sido mártires, ainda que o Senhor lhes poupasse as vidas. Homens como estes são precisos na igreja até aos nossos dias, missionários que estão dispostos a se oferecer, todos os seus dons, habilidades e poderes, ao serviço do senhor. Judas e Silas foram os delegados de Jerusalém neste assunto, e estiveram bem qualificados para explicar, sem qualquer suspeição ou preconceito, tudo o que pudesse parecer escuro para alguém no documento escrito. A seguir é dada a resolução. Ela parecera a coisa certa e apropriada ao Espírito Santo e à toda a congregação, pela qual o Espírito Santo fizeram conhecida a sua vontade. O Espírito Santo que fala pela Palavra era, na verdade, o autor do decreto, mas a congregação, ao expressar o desejo dele, mostrou que estava completamente disposta para aceitar a decisão, ainda que ela própria pertencia à raça judaica. Nenhum fardo extra devia ser imposto aos cristãos de origem gentia. Não deviam ser tornados sujeitos à lei de Moisés, mas deviam sentir-se obrigados a ater-se a esta regra necessária, a saber, abster-se de carne sacrificada a ídolos, de comer sangue, de carne de animais sufocados, e de fornicção e de vício sexual de qualquer forma. A resolução, dada nesta forma, foi praticamente assim como Tiago a propusera. Os cristãos de origem gentia, ao aceitar este encargo, iriam, em parte, executar a vontade do Senhor assim como ela está na lei moral e, em parte, as exigências do amor cristão. Em qualquer caso, estariam seguros, porque a paz e a concórdia que com isto se iria estabelecer nas várias congregações cristãs viria em seu próprio benefício. A carta encerrou com a costumeira saudação de despedida. Notemos: O assim chamado concílio de Jerusalém em nenhum sentido foi um concílio geral, e não oferece qualquer base para aspirações hierárquicas. “O assim chamado concílio de Jerusalém, de modo nenhum, se pareceu aos concílios gerais da igreja, seja em sua história, sua constituição ou em seu objetivo. Não foi uma convenção de delegados ordenados, mas uma reunião de toda a igreja de Jerusalém para receber uma delegação da igreja de Antioquia.”²⁾ A resolução da reunião é de decisivo significado por sua clara afirmação sobre a liberdade evangélica e a rejeição de obras. “Marca bem este ponto, pois aqui tudo se inclui. A resolução... é esta: A lei de Moisés não deve ser imposta aos discípulos vindos dos gentios, mas estes devem ser instruídos a serem salvos pela fé, sem a lei de Moisés. Observa aqui, se eles colocam doutrinas de homens acima da palavra de Deus ou se eles se elevam acima dela; sim, se cuidados, pois eles não pretendem nada mais do que afirmar a verdadeira parte principal da doutrina cristã, a saber, a fé e a liberdade cristã, e com grande seriedade cuidam para que nenhum fardo maior seja colocado sobre os discípulos. Mas que se lhes permita que fiquem na fé, tal como Cristo a ensina e do céu a confirmou pelo Espírito Santo.”³⁾

Os delegados em Antioquia: V. 30) *Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a comunidade, entregaram a epístola.* 31) *Quando a leram sobremaneira se alegraram, pelo conforto recebido.* 32) *Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram.* 33) *Tendo-se demorado ali por algum tempo, os irmãos os deixaram voltar em paz, aos que os enviaram.* 34)

²⁾ 56) Farrar, *Life of Paul*, 243.

³⁾ 57) Lutero, citado em Besser, *Bibelstunden*, III, 2. 744.

Mas pareceu bem a Silas permanecer ali. 35) Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, e palavra do Senhor. Os delegados da congregação de Jerusalém, tendo recebido suas credenciais, foram despedidos, junto com Paulo e Barnabé, num espírito de amor fraterno, e provavelmente depois dum culto especial de despedida; pois os apóstolos e anciãos estiveram plenamente conscientes da importância da missão deles. Todo o grupo desceu para Antioquia, viajando sempre por terra. Lá convocaram uma reunião da multidão, de toda a congregação, e formalmente entregaram a carta. E quando os irmãos que haviam sido tão seriamente perturbados pelos mestres judaizantes haviam lido a comunicação, grandemente se regozijaram sobre o consolo que isto lhe trouxe. A congregação toda, vendo-se livre do sentimento de opressão que os oprimia nas últimas palavras, saudaram com grande alegria o alívio da carta. Esta impressão foi também ainda mais fortalecida por Judas e Silas, os quais, sendo eles mesmos profetas, e assim por Deus abençoados com dons extraordinários de aplicar o consolo do evangelho, com muitas palavras pessoalmente encorajaram os irmãos e os reconduziram à confiança firme na palavra e obra do Senhor. Como resultado desta missão foi mostrado claramente que o Senhor constituíra de judeus e gentios um só corpo, que é a santa igreja cristã, a comunhão dos santos. Tendo passado algum tempo em meio à congregação de Antioquia, os delegados de Jerusalém foram despedidos pelos irmãos em paz, em perfeita harmonia para que retornassem aos que os haviam enviado. Foi desta forma que a unidade de espírito encontrou sua expressão apropriada no belo relacionamento fraterno estabelecido entre as duas congregações, que reconheceram que eram um no Senhor. Em Antioquia de modo algum haviam acabado as oportunidades para o trabalho missionário, sendo este um motivo que induziu a Paulo e Barnabé para ficarem em Antioquia, passando ali algum tempo em dedicado trabalho, ensinando em particular a quantos catecúmenos fossem conseguidos, e pregaram em público o evangelho. E não estiveram a sós neste trabalho, mas encontraram assistência capaz em outras pessoas que também foram constringidos pelo amor de Cristo a testemunhar em seu favor, proclamando a sua palavra. Foi assim, que a paz foi plenamente restabelecida, e a congregação logo retornou ao seu anterior estado de grande crescimento. Pela graça de Deus, períodos de perturbação numa congregação irão tornar os cristãos mais fervorosos na oração, mas zelosos pela causa do Senhor, e mais firmes na palavra da graça.

O Começo Da Segunda Viagem Missionária De Paulo. At. 15. 36-41.

V. 36) Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos agora para visitar os irmãos por todas as cidades, nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam. 37) E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. 38) Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. 39) Houve entre eles tal desavença que vieram a separar-se. Então Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. 40) Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. 41) E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas. Depois de alguns dias, depois que transcorreu algum tempo, Paulo sugeriu a Barnabé que retornassem, que retomassem o caminho no qual haviam viajado, e visitassem os irmãos de cada cidade em que haviam proclamado a palavra do Senhor, para ver o progresso feito pelos irmãos. O verdadeiro missionário não se satisfaz com a mera organização de postos missionários e de congregações, mas também se interessa na sua confirmação e crescimento no conhecimento espiritual. Parece que a sugestão agradou a Barnabé, mas quando conversaram sobre seus planos de levar consigo companheiros, ele com voz firme recomendou levarem consigo seu sobrinho João Marcos, e insistiu praticamente nisto. Mas como, até mesmo, os melhores amigos podem diferir em questões práticas e de preferência pessoal, assim aconteceu aqui. Paulo acreditou que não era conveniente para eles e para seu trabalho levar o jovem consigo, pois sua perda em Perge, cap. 13. 13, provavelmente lhes trouxera muito incômodo. Paulo talvez pensasse que Marcos ainda não possuía a necessária maturidade e firmeza de caráter para um trabalho tão difícil. A diferença de opinião chegou ao ponto em que houve uma séria irrupção de ira, que os levou a romper a sociedade. “Quase não há dúvida de que se falou palavras duras na ocasião. Não é sábio ser preocupado demais em amenizar as palavras da Escritura, e em excluir, até mesmo, apóstolos de qualquer falta.... Contudo, não podemos supor que Paulo e Barnabé se separaram, como inimigos, em ira e ódio. É muito provável que eles

fizeram um acerto deliberado e amigável para dividir entre si a região de sua primeira missão, tomando Paulo a parte continental e Barnabé a parte insular da sugerida visitação. Do que ao menos estamos certos, é que a desavença foi conduzida a bom resultado por divina providência. Um rio de trabalho missionários fora dividido, e as regiões que eram abençoadas com as águas da vida foram proporcionalmente multiplicadas.”⁴⁾ Que o estranhamento não foi permanente aparece do fato que Paulo se refere a Barnabé como um cooperador no reino de Deus, Cl. 4. 11; 1.Co. 9. 6, e que ele fala de Marcos como de alguém útil para ele para o ministério, 2. Tm. 4. 11. Mas os irmãos de Antioquia, evidentemente, acreditaram que Paulo esteve certo, pois quando Barnabé levou Marcos e navegou para Chipre não houve uma especial despedida, enquanto que quando Paulo escolheu Silas, aquele profeta de Jerusalém, como seu companheiro, ele foi encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. Provavelmente houve uma sessão da congregação e um culto de despedida, tal como aconteceu quando Paulo partiu para sua primeira viagem. Desta forma, Paulo, com seu companheiro, deixou Antioquia, viajando por terra, com o objetivo de visitar as congregações da Síria e da Cilícia que haviam sido fundadas por algum dos irmãos dispersos depois da execução de Estêvão ou pelo próprio Paulo numa ocasião da qual não outros dados, Gl. 1. 21. Em todos os lugares em que os dois missionários chegaram, eles confirmaram as congregações, firmaram-nos na fé e na confiança por meio duma apropriada instrução e exortação. Visitas desta espécie estão sujeitas a redundar em bênçãos para as congregações visitadas.

Resumo: Por causa de ameaçadora dissensão, causada por irmãos judaizantes, Paulo e Barnabé são delegados para a congregação de Jerusalém por aconselhamento; é feita uma assembléia, e os resultados são enviados, numa carta entregue por Judas e Silas, aos irmãos de Antioquia; Paulo escolhe Silas como seu companheiro em sua segunda viagem, depois de tido uma altercação com Barnabé.

Capítulo 16.

Paulo E Silas Na Ásia Menor. At. 16. 1-10.

Timóteo, o discípulo cristão: *V. 1) Chegou também a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; 2) dele davam bom testemunho os irmãos de Listra e Icônio. 3) Quis Paulo que ele fosse em sua companhia e, por isso, o circuncidou por causa dos judeus daqueles lugares; pois todos sabiam que seu pai era grego.* Paulo e Silas haviam entrado na Ásia Menor pelo canto mais extremo no sudeste, pelo passo conhecido como Portais Sírios, ou como Passo Bailan, no Monte Amano. Das terras baixas da Cilícia, onde Paulo pode ter passado por Mopsuéstia, Adana e Tarso, a viagem subiu as acidentadas e belas Montanhas Tauro e passou pelo passo conhecido como Portais Cilicianos à grande planície licaônica. Sendo Derbe a cidade mais próxima da fronteira ciliciana, houve aqui a primeira parada. O apóstolo, porém, não se deteve por muito tempo em qualquer cidade que visitou, visto que tinha em mente um plano bem definido. Pois havia em Listra, onde passara algum tempo na primeira viagem e onde também havia sido apedrejado pela multidão, cap. 14. 8-20, morava certo discípulo de nome Timóteo, que fazia parte dos convertidos por Paulo em sua visita prévia. Sua mãe era uma judia que conservara a fé, mas seu pai era um grego, e evidentemente não um prosélito. O casamento com gentios era proibido pela lei judaica, Dt. 7. 3; Ex. 34. 16; Ed. 10. 2. Mas a proibição não era observada com rigor, especialmente não entre os judeus fora da Palestina, onde, desde a muitos anos, haviam sido estabelecidas colônias, e onde os judeus se haviam acomodado e aceito a todos, com exceção da religião, como seus co-cidadãos. Aqui eram comuns casamentos de judias com gentios influentes. Timóteo havia sido instruído deste a infância nas Escrituras Sagradas, 2. Tm. 1. 5; 3. 14, 15, e, semelhante a tantos outros verdadeiros israelitas, em pouco tempo aprendera a correta aplicação das profecias a Jesus Cristo de Nazaré. Ele tinha boa fama, não só em sua própria cidade natal, que era Listra, mas também em Icônio, tendo todos os irmãos das congregações a opinião mais elevada de seu caráter cristão. Estas e outras qualidades recomendavam o jovem

⁴⁾ 58) Conybeare-Howson, *Life and Letters of St. Paul*, I. 270, 271.

muitíssimo aos olhos de Paulo, que quis que ele se tornasse seu companheiro, e um assistente em sua viagem. Jovens que tem uma boa reputação na congregação cristã, por serem de caráter cristão sadio, e que também mostra a habilidade e disposição para a obra, são muito necessários na vinha do Senhor. Paulo, tendo feito os necessários preparativos segundo os quais Timóteo o devia acompanhar, neste caso primeiro realizou o rito da circuncisão. Do ponto de vista escriturístico isto não era necessário. Ela havia sido expressamente rejeitada na reunião de Jerusalém e no caso de Tito não fora realizada, Gl. 2. 3, 4. No caso presente, porém, Paulo mostrou seu tacto e sua sabedoria. Os judeus de toda a região, conhecendo o parentesco de Timóteo, poderiam escandalizar-se com sua pregação e seu ministério, e desta forma entravar seu trabalho, tanto lá como em alhures. Assim, Paulo se tornou um judeu para os judeus, um grego para os gregos, para ganhasse tanto aos judeus como aos gregos, 1.Co. 9. 20, 21. Sempre que um cristão, e em especial um pregador ou missionário cristão, é capaz de remover alguma causa de ofensa, sem negar a verdade do evangelho, ele de todos os modos o deve fazer, pois pode significar almas ganhas para Cristo.

Atravez da Ásia Menor para Trôade: V. 4) *Ao passar pelas cidades, entregaram aos irmãos, para que observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém.* 5) *Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia.* 6) *E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia,* 7) *defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu.* 8) *E, contornando Mísia, desceram a Trôade.* O zelo de Paulo não conheceu cansaço e nem descanso; mas sempre esteve em ação pelo seu Senhor. Na medida que viajava pelas cidades em que haviam sido fundadas congregações, fosse por seus próprios esforços ou os de discípulos que se haviam tornado missionários, ele e seus companheiros lhes entregaram todas as resoluções que haviam sido decididas pelos apóstolos e anciãos de Jerusalém. Todas as congregações foram admoestadas a observar estes decretos, ainda que haviam sido dirigidos tão somente às congregações que existiam na Síria e na Cilícia. Uniformidade de prática, em especial em assuntos tão importantes, é muitíssimo recomendado para igrejas da mesma confissão. Fazendo-o, as congregações de todos os lugares foram confirmados na fé, visto que o encorajamento e as admoestações do apóstolo e de seus companheiros fortaleceram sua fé. Um segundo efeito desta visitação foi que as igrejas, dia a dia, aumentavam em número. Desta maneira Paulo fez seus giros pelas congregações em toda a região, que, segundo a raça, pertencia à Frígia, mas, segundo a administração, pertencia à Galácia: Icônio, Antioquia, e todos os lugares ligados a estas cidades. Ele pode até ter estendido suas atividades para a Galácia do norte, ainda que pareça que investigações recentes se oponham a esta suposição.⁵⁾ Muitas congregações chegaram a existir sob suas atividades na Galácia, 1. Co. 16. 1, e ele sempre esteve unido pessoalmente com estes discípulos pelos laços de um amor fervente. Paulo, tendo concluído seus labores nestas províncias até ao ponto que ele havia planejado, planejou visitar a seguir a província da Ásia, que era uma província marítima no sudoeste da Ásia Menor, junto ao Mar Egeu. Mas ele foi pelo Espírito Santo impedido, obstado, de falar a palavra nesta província. Isto aconteceu, talvez, por uma revelação interior ou por uma sugestão profética que não deixou espaço para qualquer mal-entendido. Por isso viajaram para a Mísia, aos limites da província, a oeste da Frígia, onde tentaram voltar-se para o norte para a Bitínia, que era uma província no Mar Negro. Mais uma vez, porém, o Espírito de Jesus interveio e os impediu. Notemos: O Espírito Santo é o Espírito de Jesus Cristo, Rm. 8. 9, e também o Espírito do Pai, Mt. 10. 20. Agora nada mais lhes restou do que viajar obrigatoriamente para o oeste para Trôade, que era um porto no Mar Egeu, frente à Grécia. É o Senhor que dirige e governa o curso do Evangelho no mundo. Todos os assuntos e circunstâncias são por ele arranjadas de tal maneira que segundo a sua vontade sirvam ao evangelho.

A visão: V. 9) *À noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos.* 10) *Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho.* Agora apareceu a razão para toda esta manobra. Paulo teve de noite, aparentemente na noite do mesmo dia em que haviam chegado a Trôade, uma visão na qual o Senhor tencionava comunicar sua vontade ao apóstolo. Talvez num sonho

⁵⁾ 59) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 415.

ou numa condição de êxtase, um homem da Macedônia esteve em pé perante ele, dirigindo-se a ele em palavras de súplica sincera: Cruza para a Macedônia; socorre-nos! Tendo Paulo visto esta visão, ele e seus companheiros, aos agora Lucas fora juntado, imediatamente fizeram empenhos sinceros para partir para Macedônia, visto que estiveram firmemente convictos que o Senhor fora que escolhera este método para os chamar a pregar o evangelho na Europa. Agora o pequeno grupo consistia de Paulo, Silas, Timóteo e Lucas, sendo um tão desejoso como o outro para conseguir logo uma passagem em algum barco que navegava entre os portos do Mar Egeu. Notemos: Sempre que são evidentes as orientações do Senhor sobre alguma tarefa que deve ser realizada, todos os que estão envolvidos devem encher-se da mesma ansiedade para assumir a obra; pois seu negócio exige pressa.

Paulo E Seus Companheiros Em Filipos. At. 16. 11-40.

A viagem para Filipos: *V. 11) Tendo, pois, navegado de Trôade, seguimos em direitura a Samotrácia, no dia seguinte a Neápolis, 12) e dali a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito, e colônia. Nesta cidade permanecemos alguns dias. 13) Quando foi sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido.* Naqueles dias de intercâmbio comercial ativo entre os vários portos do Mar Egeu, não levava muito tempo para encontrar algum navio em que pudessem viajar. Por isso Paulo e seus companheiros içaram velas e partiram de Trôade, sendo favorecidos por uma brisa boa e constante de sul para leste, o que lhes permitiu fazer uma corrida reta para além da ilha de Imbro para a que se chama Samotrácia, que é uma das ilhas no extremo norte do arquipélago grego. Aqui rumaram para o oeste e velejaram pela ilha de Tasos ao porto macedônio de Neápolis, sendo que a última parte da viagem levou só um dia. Desta forma a viagem fora feita sob circunstâncias excepcionalmente propícias e se completara num tempo excepcionalmente breve. Contudo, os missionários não permaneceram em Neápolis, mas avançaram para a cidade maior de Filipos, que era uma colônia romana, sendo que tanto moedas como inscrições comprovam as palavras de Lucas. ⁶⁾ Perto dela foi travada a grande batalha entre Augusto e Antônio dum lado, e Brutus e Cassius, os assassinos de Júlio César, doutro lado, que foi a batalha que decidiu que Roma seria um império e não uma república. Em honra a este acontecimento Filipos foi agraciada com os direitos duma colônia romana, como também mostra o nome “pretoras”, empregado por Lucas para designar os governantes da cidade. E Filipos foi a primeira cidade deste distrito ou divisão da Macedônia. Quase dois séculos antes, Macedônia fora dividida em quatro distritos, cujos limites gerais ainda eram reconhecidos, mesmo que já não mais aceitos pelo governo como distritos políticos. Que Filipos era a primeira cidade, ou a mais importante, desta parte da Macedônia foi por causa de sua localização na grande Via Egnácia, que era principal rota romana entre a Europa e a Ásia. Ela foi naqueles dias o que, mais tarde, Bizâncio ou Constantinopla chegaram a ser, a saber, o portão para o Oriente.⁷⁾ A província romana da Macedônia situava-se entre a Grécia e o Mar Egeu, no sul, e os Montes Balcãs, no norte. Em Filipos, pois, onde se encontravam o leste e o oeste, estes missionários do oriente, ansiosos para ganhar algumas almas para o Senhor, passaram algum tempo. Visto que a população judaica da cidade não era suficientemente grande naquele tempo para manter uma sinagoga, e porque os judeus, por isso, tinham o costume de reunir-se fora dos portões da cidade, nas margens do rio, e ter ali suas reuniões de oração, este lugar ficou conhecido como o lugar de oração. Paulo e seus companheiros, por isso, também foram a este lugar no sábado, foram ao rio Gangas ou Gangites. Não havia provavelmente um culto formal, como acontecia nas sinagogas, ainda que lá deve ter havido quem liderasse as devoções. Paulo, em todo caso, se adaptou às condições. Sentou-se com seus companheiros entre os devotos e passou a manhã conversando com as mulheres que ali se haviam reunido. Como parece, que os judeus e os prosélitos da cidade consistia, em sua maioria, de mulheres, sendo que muitas delas ocupavam posições de considerável liberdade e influência social, o que é um fato que é plenamente corroborada por acurada pesquisa histórica. Notemos: Para Paulo pode ter parecido estranho, depois de preparos

⁶⁾ 60) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 545; Hopkins, *Evidences of Christianity*, Lecture X.

⁷⁾ 61) Cf. *Expositor's Greek Testament*, II, 344, 355; Hogarth, *Authority and Archeology*, 349, 350.

tão detalhados, encontrar só um punhado de mulheres reunidas, mas Deus tem seus próprios caminhos de fazer as coisas e de conduzir as obrigações de seu reino, como bem o mostra a condição posterior da congregação de Filipos.

A conversão de Lídia: *V. 14) Certa mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia. 15) Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e aí ficai. E nos constrangeu a isso.* Na audiência junto às barrancas do rio, naquela memorável manhã quando foi realizado o primeiro culto cristão em solo europeu, se achou certa mulher, uma comerciante de nome Lídia, que foi o nome pelo qual provavelmente era conhecida por seus objetivos comerciais, visto que ela viera de Tiatira na Lídia, que era um distrito da Ásia proconsular. Ela era uma vendedora de púrpura, isto é, em vestes tingidas com uma tinta muito cara, sendo ela, por isso, comparativamente de posses. “Tiatira foi notável por suas tinturarias. Em sua vizinhança cresce em abundância a garança, com cuja raiz tingiam um vermelho-alaranjado. Como os antigos usavam os nomes das cores de modo muito impreciso, muitas vezes ela era mencionada como púrpura.⁸⁾ Lídia foi uma mulher temente a Deus, isto é, era uma prosélita judia, ela confiava e reverenciava o Deus dos judeus, cujo culto lhe fora ensinado. Ela ouvia atentamente ao discurso todo, e o Senhor abriu seu coração completamente para atender as coisas que eram expostas por Paul, a notícia que Jesus de Nazaré foi o prometido Messias. Ela e todos os membros de sua família (ela pode ter sido uma viúva com certo número de filhos, bem como com certo número de servos) foram convencidos tão completamente da verdade do evangelho, que imediatamente ela e todos eles confessaram sua fé e foram batizados – formando um belo núcleo para uma congregação em cujo sucesso Paulo sempre teve grande interesse. A gratidão de Lídia pelas bênçãos, das quais fora tornada participante, moveram-na a estender um convite cordial aos missionários para que aceitassem sua hospitalidade. Foi na forma do pedido mais sincero, que ela lhes disse: Se me tiverdes julgada fiel ao Senhor, visto que o fato que me batizastes parece dizer que me considerais uma pessoa que crê no Senhor, por favor, venham à minha casa e morai ali. E ela não descansou antes que os convencesse a vir e ser seus hóspedes. Uma hospitalidade como esta é uma prova da mudança de coração que a fé produz, e agrada muito ao Senhor.

O encontro com o espírito de adivinhação: *V. 16) Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. 17) Seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação. 18) Isto se repetia por muitos dias. Então Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo eu te mando: Retira-te dela. E ele na mesma hora saiu.* Paulo e seus companheiros continuaram a observar as horas de oração, mesmo em Filipos onde não havia uma sinagoga. Mas, quando estavam a caminho para o lugar de oração, presumivelmente a margem do rio, foram molestado por certa menina escrava, que, literalmente, estava tomada por um espírito de pitonisa. Mas ela não era só uma artista em ventriloquismo, como muitas vezes a palavra é entendida em relatos seculares, mas ela tinha um espírito de adivinhação, com poder profético; ela esteve possessa dum demônio. Esta escrava, que por meio de suas predições dava muito lucro, muito dinheiro, aos seus donos e senhores, teve como costume, dia após dia, encontrar o grupo de Paulo e então segui-los de perto, gritando enquanto isto em alta voz: Estes homens são servos do Deus Altíssimo, os quais também vos são proclamadores do caminho da salvação. A menina não era dona de si mesmo ao gritar desta forma. Como um comentarista o expressa, a menina, num determinado tempo, era subjugada por um espírito mau, que era seu real senhor; em outro tempo ela sentia um desejo ardente para ser livre de sua escravidão. O mau espírito que estava nela tremeu ao ver os servos de Cristo e não pôde deixar de reconhecer a verdade. Mas, por fim, Paulo se encheu de aborrecimento, de tristeza, dor e ira. O Senhor não quer ser pregado por maus espíritos, como mostra sua conduta nos evangelhos. Além disso, conforme o significado ligado pela multidão às palavras da menina, podiam acreditar que os missionários fossem ministros da superstição e da magia.⁹⁾ Por isso Paulo falou, não à escrava,

⁸⁾ 62) Barton, *Archeology and the Bible*, 226.

⁹⁾ 63) Ramsay, *The Bearing of Recent Discovery*, 137.

mas ao mau espírito que tomara posse dela, sentenciando-o em nome de Jesus Cristo a sair dela. E na mesma hora, conforme o modo grego de expressá-lo, no mesmo momento, conforme nossa maneira, o espírito e seu poder a deixaram. Notemos: Os adivinhos, os vaticinadores e os cartomantes de nossos dias também empregam o nome e a palavra de Deus, mas tão somente com o objetivo de enganar a pobre alma desencaminhada que os consulta, conservando, assim, as almas tanto mais firmemente em sua doutrina e truques diabólicos. É, por isso, o nosso dever desmascarar as vis intenções e o engano do diabo. Pois, mesmo quando ele faz predições e realiza atos que parecem ser milagrosos, estes nunca são feitos com a ordem e a promessa do Senhor e sempre são em prejuízo da salvação das almas.

Paulo e Silas presos: *V. 19) Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança de lucros, agarrando em Paulo e Silas os arrastaram para a praça, à presença das autoridades; 20) e, levando-os aos pretores, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, 21) propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos. 22) Levantou-se a multidão, unida contra eles, e os pretores, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas. 23) E, depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardassem com toda a segurança. 24) Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco.* Quando o mau espírito saiu da menina escrava, também desapareceu a esperança de ganho de seus patrões, como Lucas observa, num belo jogo de palavras. Não só estava prejudicada a entrada desta fonte, mas estava completamente arruinada, o que foi um fato que os tocou no ponto mais sensível. Mas quando os donos da menina perceberam isto, encheram-se de ira. Pegando a Paulo e Silas, eles, em parte, os puxaram e, em parte, os arrastaram até a praça, ao fórum, perante os magistrados da cidade. Aqui se tornaram menos turbulentos no comportamento, levando com certa aparência de ordem e decência seus detidos aos pretores. Os pretores eram a autoridade maior na cidade, cujo dever era julgar a todos os casos de natureza política. O título oficial dos dois homens era *duoviri*, mas eles mesmos, muitas vezes, se intitulavam pretores. A acusação dos donos da escrava foi um tanto peculiar. Declararam que Paulo e Silas, judeus como eram, não só estavam criando uma perturbação na cidade, mas estavam agitando a cidade proclamando costumes religiosos que não lhes convinha aceitar e exercer, visto que eram romanos. Em resumo, a queixa foi que os apóstolos estavam transtornando todo o sistema social e religioso da cidade, que era um fato tanto mais condenado porque os acusados pertenciam aos desprezíveis judeus. A insinuação, a qual insinuava a introdução de proibidos costumes religiosos particularmente questionáveis, e bem assim o fato que estes homens eram judeus, foi suficiente para agitar a multidão presente no fórum, uma multidão que facilmente era enfurecida e agitada. Sem ao menos dar aos presos uma oportunidade para se defenderem contra as acusações, os pretores permitiram o assalto a eles que resultou que suas roupas lhes fossem arrancadas dos corpos e a seguir ordenaram que fossem batidos com varas, uma punição dolorosa e humilhante. A fúria inicial só esteve satisfeita depois que muitos açoites haviam sido dados em Paulo e Silas. Mas então veio mais humilhação, segundo esta os pretores os lançaram em prisão e deram ao guarda da prisão a séria tarefa de conservá-los em segurança com toda diligência e rigor. O guarda interpretou esta ordem conforme ele o quis, possivelmente também influenciado pelo que ele sentia sobre o assunto, pois não só os lançou na prisão interior, havendo muitas paredes entre eles e a liberdade bem como o mínimo de luz e ar que lhes pudesse agradar, mas também prendeu seus pés nos troncos, que eram um instrumento de tortura de madeira, em que os pés eram firmemente presos, conservando-os firmemente numa só posição e causando-lhes com isto muita dor. A fixação dos pés nos troncos interferia na circulação e causava câimbras aos músculos, sendo uma tortura que, de minuto a minuto, se tornava mais insuportável. Notemos: Cada confessor de Cristo e do evangelho está exposto a ser tratado desta mesma maneira, de ser um participante da ignomínia de Cristo. E aqueles que de modo específico proclamam o caminho da salvação são pelos filhos do mundo considerados como perturbadores da paz e como insurrecionistas.

O terremoto à meia-noite: *V. 25) Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. 26) De repente sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas; soltaram-se as cadeias de todos. 27) O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas*

do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido. 28) Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos! Pedro dormira calmamente na prisão na noite antes que ocorresse sua execução, cap. 12. 6. E aqui os dois discípulos, com suas costas doendo e sangrando em consequência dos impiedosos açoites, com suas pernas apertadas nos instrumentos de tortura, e com suas mentes ardendo com o sentimento de injustiça que haviam sofrido, tiveram a força de colocar de lado todos os pensamentos de tortura e orar. E eles, orando, até receberam a necessária força para cantar hinos a Deus e louvá-lo com salmos. Paulo e Silas cantavam, e os outros presos estavam escutando com atento interesse. Foi um culto de louvor e agradecimento como raramente tem sido visto no mundo, sendo o primeiro de muitos outros semelhantes a ele realizados por mártires cristãos nos calabouços. Mas, de repente um grande terremoto sacudiu a prisão, com tal força que abalou até mesmo suas fundações. Como resultado deste abalo, no mesmo momento não só foram abertas todas as portas, mas também as algemas de todos os prisioneiros foram soltas, tiradas. O Senhor dos cristãos é mais forte do que os inimigos que buscam matar seus servos. É-lhe coisa fácil salvar àqueles que são seus. O carcereiro, que com o abalo acordou de seu sono, chegou à compreensão total da situação que um único abalo causou. Bastou uma olhadela para lhe mostrar as portas abertas da prisão, e porque concluiu que os prisioneiros certamente deviam ter escapado, arrancou da bainha sua espada com a intenção de cometer suicídio; pois a morte era o castigo por ter permitido que os presos escapassem. Sem dúvida, tudo isto não ocorreu sem alguma comoção e gritaria, que foi um fato que rapidamente informou Paulo da situação, o qual, em consequência, com forte voz impediu tanto o planejado suicídio como também deu ao carcereiro a certeza que foi a única de pode restabelecer seu autocontrole: Não te faças mal algum; todos nós aqui estamos. Nem um só dos prisioneiros tentara escapar, ainda que não houvesse que o impedisse. Ele, ou estiveram tomados de pânico por causa do terremoto, ou o comportamento de Paulo e Silas os impressionou tão profundamente que estavam abismados diante da coragem demonstrada pelos dois torturados prisioneiros. Muitos deles, sem dúvida, viram uma ligação entre a oração dos apóstolos e o terremoto, e foram movidos a admirar o poder ilimitado de Deus.

A conversão do carcereiro: *V. 29) Então o carcereiro, tendo pedido uma luz, entrou precipitadamente e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. 30) Depois, trazendo-os para fora, disse: Senhores, que devo fazer para que seja salvo? 31) Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa. 32) E lhe pregaram a palavra de Deus, e a todos os de sua casa. 33) Naquela mesma hora da noite, cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir foi ele batizado, e todos os seus. 34) Então, levando-os para a sua própria casa lhes pôs a mesa; e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus.* O guarda da prisão, no auge de seu pavor, nem ao menos pensara numa tocha, preocupando-se tão somente em prevenir a fuga de algum dos presos. Agora, porém, chamou os guardas para que providenciassem luz, e se precipitou para a prisão interior, tomada da maior emoção e pavor, por causa da angústia de consciência e o medo do sobrenatural, e se prostrou diante de Paulo e Silas. Agora recordou-se, provavelmente, que Paulo, que chamara por ele, estivera pregando a salvação no nome de Jesus, e admitiu que devia haver alguma ligação entre o tremor da terra e a serena confiança do apóstolo. Por isso o carcereiro levou Paulo e Barnabé para fora e lhes perguntou sobre o que devia fazer para ser salvo, que é a pergunta mais importante da qual um homem possivelmente se pode lembrar em toda sua vida. E esta pergunta de almas preocupadas e apavoradas sempre deve encontrar a resposta que aqui recebeu: Crê no Senhor Jesus Cristo, e tu serás salvo e também a tua casa. Paulo e Silas não aceitaram o título “senhores”, mas dirigiram o que perguntava ao único verdadeiro Senhor e Mestre de todos, no qual tão só há salvação. Fé em Jesus Cristo liberta da morte, do inferno, da ira e do juízo, e traz eterna salvação. Os missionários, tendo dado ao carcereiro o grande pensamento e doutrina central de toda a religião cristã, passaram a expor a ele, junto com todos os que pertenciam ao seu lar, crianças e servos, libertos e escravos, de modo mais pleno o caminho da salvação, dizendo e proclamando-lhe a palavra do Senhor. Foi uma instrução breve, mas completa, a preceder o batismo. E o coração do homem ficou movido tão profundamente pelos fatos da noite e pela voz de Deus nestes eventos, que tomou na mesma hora da noite os dois presos, - pois não podia esperar até o amanhecer para cumprir esta obrigação necessária, - e lavou suas feridas, tanto para remover o sangue coagulado como para aliviar a dor das

batidas. E Paulo e Silas, por sua vez, deram tanto ao carcereiro como a todos os membros de sua casa um lavar para remover todas as máculas de suas almas, batizando sem delonga a todos. Este sacramento assegurou ao pobre e atormentado homem a graça do Senhor Jesus Cristo, que ele tanto necessitava por causa do seu sentimento de culpa e condenação que com a conscientização de seus pecados lhe sobreveio. Agora o carcereiro levou tanto a Paulo como a Silas para sua casa, como seus hóspedes honrados; e a mesa lhes foi posta e servido um jantar muito diferente daquele que haviam recebido na prisão. O carcereiro regozijou-se grandemente, com alegria intensa e exultante, em que se lhe juntaram todos os membros de sua casa, tendo em vista que em seus corações fora operada a fé em Deus. O fato que o Senhor opera a fé no coração de alguma pessoa, e que também a torna disposta a dar evidências dessa fé por meio de atos de bondade amor fraterno, para cada cristão é uma fonte de regozijo contínuo.

A soltura dos presos: *V. 35) Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade. 36) Então o carcereiro comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz. 37) Paulo, porém, lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles, e pessoalmente nos ponham em liberdade. 38) Os oficiais de justiça comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que se tratava de cidadãos romanos. 39) Então foram ter com eles e lhes pediram desculpas; e, relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade. 40) Tendo-se retirado do cárcere, dirigiram-se para a casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram. Então partiram.* De manhã aconteceu aos missionários presos uma surpresa especial. Pois, o dia mal e mal havia clareado, quando os *duoviri*, ou os pretores, da cidade enviaram os lictores à prisão com a ordem de despedir os presos. Os lictores eram os oficiais de polícia dos magistrados romanos, sendo as insígnias de seu ofício um feixe de varas amarradas e uma machadinha. Do texto não se pode determinar, se o terremoto levava as autoridades a acreditar que houvessem ofendido algum deus no dia anterior, ou se repensando o caso seu trato com os apóstolos lhes pareceu apressado e severo demais, ou se acreditaram que seu objetivo fora alcançado com o silêncio do clamor da multidão. Basta que o carcereiro informou os presos da ordem graciosa que os pretores haviam dado ordens para os libertar. E ele esteve feliz em lhes dar a liberdade e despedi-los em paz, e sem qualquer ulterior molestaçãõ. A ordem dos *duoviri* havia sido dada em termos arrogantes e cheios de desprezo. Assim como o carcereiro as transmitiu e parafraseou, as palavras foram uma espécie de anúncio e convite para que aceitassem o prêmio da liberdade. Agora Paulo, porém, se negou a deixar a prisão. Ele, no clamor e tumulto do ataque do dia anterior, não recebera qualquer oportunidade para se fazer ouvir, nem mesmo se o quisesse. Por isso agora faz uma acusaçãõ muito séria contra os magistrados da cidade. Ainda que ele e Silas fossem cidadãos romanos, os pretores tanto lhes bateram em público, não somente sem tê-los condenado, mas, mesmo, sem qualquer acusaçãõ, e sem qualquer investigaçãõ do caso,¹⁰⁾ e também os lançaram na prisão. Cidadãos romanos, conforme as leis romanas, estavam isentos de açoites e de tortura, e a violaçãõ dos direitos dos cidadãos era considerada uma traiçãõ e, como tal, severamente punida. Depois de todas as violências, que Paulo bem poderia ter devolvido com uma vingança sumária, caso não tivesse sido um cristão, Rm. 12. 19, será que os pretores propuseram soltá-los secretamente da prisão? Claro que não! O mínimo que os pretores precisam fazer, como forma de indulgência, é vir pessoalmente e conduzi-los para fora. Quando os lictores relataram estes fatos aos pretores, estes últimos se tomaram de medo, do que tiveram bons motivos, pelo que não perderam tempo em vir pessoalmente, em pedir perdãõ e suplicando de coraçãõ aos apóstolos para se darem por satisfeitos. A seguir os conduziram para fora da prisão e lhes pediram, cortesmente lhes suplicaram, que deixassem a cidade por sua própria e livre vontade. Paulo e Silas aceitaram a apologia e se aprontaram para deixar a cidade, mas sem alguma pressa indevida e suspeitosa. Primeiro foram à casa de Lídia, que se poder ter tornado um lugar de encontro para os discípulos que haviam sido ganhos. Aqui viram os irmãos, confortaram e encorajaram-nos, e então deixaram Filipos. Notemos: Não foi só o senso de justiça que fez

¹⁰⁾ 64) Ramsay, *St. Paul the Traveler and Roman Citizen*, 225; Moulton and Milligan, *Vocabulary*, sub voce

Paulo insistir sobre alguma forma de apologia pública, mas também o fato que a vergonha pública a que ele e Silas haviam sido submetidos podiam entravar seriamente o progresso da mensagem do evangelho, por causa do preconceito que muitas pessoas poderiam ter contra um homem que havia sido batido em público. Também em nossos dias nós cristãos devemos estar plenamente dispostos para sofrer o mal e a vergonha, mas sob certas circunstâncias, em especial quando o curso do evangelho é ameaçado, é totalmente conforme a vontade de Deus que insistamos sobre nossos direitos de cidadãos. Podemos encontrar o imperativo de precisarmos insistir sobre o reconhecimento de que somos membros honestos e desejáveis da comunidade.

Resumo: Paulo e Silas fazem uma viagem de visitação e missão pela Ásia Menor e são dirigidos pelo Espírito Santo para a Macedônia, onde começam suas atividades na cidade de Filipos.

Visão, Sonho E Revelação (Teofania e Angelogia)

Um dos aspectos da história bíblica, tanto do Antigo como do Novo Testamento, é, na verdade, a referência que os santos escritores fazem às revelações especiais do Senhor por meio de aparições, visões e sonhos. Praticamente em cada caso desta espécie que foi registrado, estas aparições foram acompanhadas por comunicações extraordinárias e imediatas de Deus aos homens, via de regra quanto a alguma evento que devia ocorrer no futuro próximo. A própria Escritura fala destas revelações extraordinárias, fazendo uma distinção entre sonhos e visões verdadeiros e falsos. “Se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me faço conhecer, ou falo com ele em sonhos” (Nm. 12. 6). “Vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões” (Jl. 2. 28). A maneira de provar se um profeta é verdadeiro ou falso está descrita em Dt. 13. “Visão falsa, adivinhação, vaidade e o engano do seu íntimo é o que eles vos profetizam” (Jr. 14. 14; 23. 16).

Em alguns casos, apareceu o próprio Deus, seja numa voz, em alguma forma visível, ou numa imagem mais ou menos tangível numa visão ou num sonho. Moisés foi o mais privilegiado do povo de Israel por causa do modo em que o Senhor se lhe comunicou. “Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor” (Nm. 12. 7,8). O Senhor falou com Abraão numa visão (Gn. 15. 1), a Jacó também em visões de noite (Gn. 46. 2). No caso de Samuel foi numa visão num sonho (1.Sm. 3). O Senhor apareceu a Salomão num sonho de noite (1.Rs. 3. 5). Grande parte da profecia de Isaías, se não toda ela, foi por ele recebida numa visão (Is. 1. 1). O Senhor falou a Ananias de Damasco numa visão (At. 9. 10).

Mesmo que estejam intimamente relacionadas às precedentes, pode ser feita uma classe especial das aparições do “Anjo do Senhor”, que são as revelações da segunda pessoa da Divindade, o “Anjo do Concerto” no Antigo Testamento. O Senhor apareceu a Abraão nas planícies de Manre (Gn. 18. 1, 17), e choveu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra (Gn. 19. 24). O Anjo do Senhor encontrou Hagar no deserto (Gn. 16. 7, 9). Apareceu em várias ocasiões a Moisés (Ex. 3. 2; 14. 19; At. 7. 30). Gideão viu-o quando esteve a trilhar trigo junto ao lagar (Jz 6. 11, 12). O Anjo do Senhor predisse a Manoé e sua esposa o nascimento de Sansão (Jz. 13). Foi ele que deu ordens a Elias o Tesbita (2.Rs. 1. 3).

Destas visões e revelações, que propriamente são chamadas teofanias (aparições de Deus) distinguimos as anguelofanias (aparições de anjos) seja em sonhos ou num encontro ordinário, face a face. Assim apareceu o anjo Gabriel a Zacarias no templo (Lc. 1. 22), e para Maria em sua casa (Lc. 1. 17). Um anjo do Senhor falou repedidas vezes a José em sonho (Mt. 1. 20; 2. 13, 19). Também a advertência do Senhor aos magos foi dada num sonho (Mt. 2. 12). Parece razoavelmente certo que o “homem da Macedônia” na passagem acima (At. 16. 9), foi um anjo.

Uma última forma de comunicação ou revelação extraordinária foi aquela por meio de visões no sentido mais restrito, quando os sentidos da pessoa envolvida foram afetados de uma maneira incomum e ela esteve num estado de transporte, ou êxtase. Este foi o caso de Pedro em Jope (At. 11.5). Foi provavelmente também a condição de Paulo no tempo de sua conversão

(At. 9; 22; 26). Ele mesmo descreve uma tal visão estática quando foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, que a homem algum é permitido proferir (2.Co. 12. 2, 4). Nesta classe pertence também a visão que João teve quando recebeu a informação e viu as figuras que ele registrou no livro do Apocalipse.

É bom recordar, em conexão com os muitos sonhos de nossos dias, dos quais as pessoas buscam e recebem explicações de médiuns, adivinhos, etc., o que Lutero diz: “Por isso não devemos crer em sonhos, nem explicá-los segundo agrada a nossa razão, mas entregá-lo a Deus, como diz José (Gn. 40. 8). Mesmo que eles sejam comuns a cristãos e a gentios, ninguém sabe o que significam, a não que o Espírito santo também os exponha. Como Pedro ordena (2Pe. 1. 20), que não devemos acreditar em qualquer explicação em coisas espirituais a não ser que seja da parte de Deus.... Por isso, sonhos podem vir e sonhos podem ir: tu, porém, não os interpretes; deixa que Deus o certifique, não sejas certo por ti mesmo.”¹¹

Capítulo 17.

Paulo E Silas Em Tessalônica E Beréia. At. 17. 1-14.

Pregando em Tessalônica: *V. 1) Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. 2) Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los, e por três sábados arrazoou com eles, acerca das Escrituras, 3) expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e que este é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. 4) Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres.* Como indica a troca de pronomes neste ponto, Lucas permaneceu em Filipos, e pode ser que Timóteo ficou com ele. Havia muito a ser feito no estabelecimento da congregação e na sua organização para um trabalho bem sucedido, e estes dois discípulos atuaram com grande sucesso no estabelecimento de condições estáveis. Paulo e Silas, porém, viajaram em direção sudoeste, antes de tudo a Anfípolis, distante quase 60 quilômetros de Filipos, a capital deste distrito, mas menos importante do que a metrópole. Os missionários não pararam nesta cidade, provavelmente porque não havia uma sinagoga, mas prosseguiram, primeiro para Apolônia, pela costa uns 50 quilômetros mais adiante, e então para Tessalônica. Foram pela estrada militar romana, a famosa Via Egnácia, que se estendia por uma distância de 900 quilômetros do Helesponto a Dirráquio no Adriático. Provavelmente os dois lugares intermediários foram mencionados como os lugares de pouso noturno de Paulo. Tessalônica, anteriormente chamada Thermos, situada no topo da Baía Thermaica, foi nos tempos romanos a capital do segundo dos quatro distritos da província da Macedônia, sendo a cidade maior e mais populosa da província, e uma grande centro comercial. A cidade, hoje conhecida como Salônica, é importante até os dias atuais. Paulo, em sua usual sabedoria e previdência, escolheu este centro da civilização e de governo no distrito como um lugar do qual a mensagem do evangelho pudesse irradiar em todas as direções. Aqui também havia uma sinagoga dos judeus, e o apóstolo continuou seu método de escolher os judeus helênicos como o meio pelo qual pudesse alcançar os gentios. Por isso, conforme este costume, Paulo foi até ele, visitou sua congregação na sinagoga. Por três sábados, e durante a semana quando havia uma reunião dos judeus, e por isso durante quase quatro semanas, ele arrazoou e argumentou das Escrituras com eles, baseando todas as suas observações sobre o aceito texto canônico do Antigo Testamento. Seu método foi abrir o significado das Escrituras, expô-las trazendo as passagens de prova, e desta forma apresentar com clareza a relação entre profecia e cumprimento. Mostrou o avanço da profecia a respeito de Cristo; mostrou com clareza que Cristo teve que sofrer, que isto foi predito, e que foi um sinal essencial do verdadeiro Messias; e expôs que, conforme a profecia, foi exatamente tão necessário Cristo ressuscitar dentre os mortos. A seguir aplicou a profecia a Jesus de Nazaré, mostrou o cumprimento exato, e apresentou a conclusão que este mesmo Jesus, que ele pregava, não podia ser alguém outro do que o Messias. Esta forma de argumentar, que sempre é eficiente na pregação do evangelho, foi especialmente exigida por causa da posição dos judeus,

¹¹) 65) Lutero, 8. 1023, 1024.

a quem a cruz e a crucificação eram uma ofensa e pedra de tropeço, e seus preconceitos precisavam ser removidos por meio duma apresentação convincente que se baseava sobre as Escrituras reconhecidas deles próprios. E pelos resultados justificou-se plenamente o método de Paulo: alguns dos ouvintes foram persuadidos e associados com Paulo e Silas pela fé como discípulos, sendo estes não só judeus, mas também gregos tementes a Deus, que eram os prosélitos da porta, formando uma grande multidão, e mesmo um número considerável de mulheres da liderança da cidade, tais que socialmente se destacavam. A proeminência concedida a mulheres na Macedônia concorda inteiramente com os melhores relatos históricos. A pregação de Jesus Cristo, que foi crucificado e que ressuscitou, com base da Bíblia, é o único meio para conseguir verdadeiros convertidos de Cristo e seu reino, e nunca deve ser substituído pelos métodos em voga em nosso tempo, nos quais Jesus Cristo é relegado um segundo plano muito nebuloso e obscuro, sendo métodos que são totalmente fora de harmonia com a dignidade do evangelho, e nunca resultam em verdadeiro acréscimo à igreja.

O tumulto levantado pelos judeus: *V. 9) Os judeus, porém, movidos de inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo. 6) Porém não os encontrando, arrastaram a Jasom e alguns irmãos perante as autoridades, clamando: Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui, 7) aos quais Jasom hospedou. Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei. 8) Tanto a multidão, como as autoridades, ficaram agitadas ao ouvirem estas palavras; 9) contudo soltaram a Jasom e aos mais, após terem recebido deles a fiança estipulada.* A experiência que Paulo tivera em Antioquia da Pisídia, cap. 13. 50, aqui foi repetida. A maior parte dos judeus recusou-se a crer em sua mensagem, sendo que estes homens se tornaram violentamente invejosos, não só por causa da pregação do Messias, mas também por causa do sucesso que resultou dos esforços de Paulo e Silas. Por isso recorreram a métodos que muitas vezes foram usados por pessoas desta marca. Foram até o tribunal e convenceram alguns dos advogados desocupados e trapaceiros, então uma peste como o é hoje, sendo os agitadores na praça,¹²⁾ que sempre estão prontos para alguma maldade. Com a colaboração destes rapidamente juntaram uma multidão de arruaceiros e colocaram a cidade em alvoroço. Foi um caso típico de oclocracia, em que as autoridades estiveram indiferentes ou sem força. Invadiram a casa de Jasom, onde os apóstolos se hospedaram, ou onde eram realizadas as reuniões cristãs. Sua intenção principal foi apresentar Paulo e Silas ao povo, ou seja, à assembleia pública de todas as pessoas, como se fosse um partido político com direitos executivos. As idéias sobre as quais este movimento se baseou pode ter sido que toda a população podia ser movida a tomar, naquele momento e ali mesmo, vingança sumária sobre os missionários. Mas, porque não encontraram a Paulo e Silas, arrastaram Jasom e alguns dos outros cristãos perante os “politarcos” da cidade (pois este é o título que possuíam os governantes da cidade).¹³⁾ A acusação contra estes homens, a qual eles literalmente vociferaram em sua fúria inútil, deram uma coloração política, a saber, que Jasom recebera em sua casa e estava abrigando alguns perigosos agitadores políticos, homens que haviam posto o mundo todo de ponta-cabeça, tendo causado distúrbios por todo o Império Romano, e que agora haviam vindo até aqui. Diziam que todos eles eram revoltosos, sendo homens que sempre agiam contrário aos decretos de César, pertencendo aos traidores porque declaravam que um outro homem, um certo Jesus, é que é rei. Foi a mesma acusação como a que fora feita no caso de Jesus, Lc. 23. 2, sendo que ela sobreveio aos discípulos conforme a predição de Jesus que seus discípulos precisam esperar a participação na sorte do Mestre. Não foi entendido ou foi deliberadamente ignorado pelos acusadores o fato que o reino de Cristo não é deste mundo, e que os seus seguidores, enquanto estiverem conscientes de sua distinção, nunca interferem no poder e governo temporais. E a afirmação atrevida deles teve sucesso excitando tanto o povo como os “politarcos”, visto que as acusações apontavam para a possibilidade duma revolução, caso não fossem tomadas medidas imediatas para suprimir o movimento. O efeito foi que Jasom, tendo somente recebido em casa os missionários, não foi punido pessoalmente, mas os “politarcos” obrigaram a ele e aos demais discípulos que haviam sido levados ao tribunal a dar grande quantia em fiança para conservar a

¹²⁾ 66) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 129.

¹³⁾ 67) Barton, *Archeology and the Bible*, 438.

paz na cidade, sendo que depois disso foram soltos. Os inimigos de Cristo usam tanto a astúcia como a força em seu esforço interminável para impedir a pregação do evangelho; mas o Senhor dirige os negócios de seu reino para a salvação das pessoas.

Pregando em Beréia: *V. 10) E logo, durante a noite, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Beréia; ali chegados, dirigiram-se à sinagoga dos judeus. 11) Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim. 12) Com isso muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição, e não poucos homens. 13) Mas, logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Beréia, foram lá excitar e perturbar o povo. 14) Então os irmãos promoveram, sem detença, a partida de Paulo para os lados do mar. Porém Silas e Timóteo continuaram ali.* Se Paulo e Silas tivessem continuado, depois dos acontecimentos deste dia, seu trabalho em Tessalônica, não só teriam colocado suas próprias vidas em risco, mas também teriam ocasionado que Jasom e os outros discípulos perdessem a fiança que haviam depositado. Por isso consentiram que os irmãos rapidamente, naquela mesma noite, os enviassem para Beréia, uma cidadezinha na região montanhosa, uns 90 quilômetros a sudoeste de Tessalônica. Nesta cidade a recepção ao evangelho foi radicalmente diferente da que recebera na metrópole da província. Pois quando os apóstolos ali chegaram, foram, ou se dirigiram, à sinagoga dos judeus, porque a população foi o suficientemente numerosa para suportar esta instituição. Aqui as pessoas, tanto judeus como gregos, foram mais generosas de espírito do que em Tessalônica. Não estavam dominados pelo antagonismo e a inveja dos judeus da Tessalônica, mas eram movidos por sentimentos mais nobres, empregando maior tacto e probidade. Mostraram este fato, não só pela sua disposição cordial e incondicional de aceitar a palavra que Paulo trouxe, mas também pela sinceridade e o zelo com que pesquisavam com cuidado cada dia as Escrituras, comparando profecia com cumprimento e convencendo suas próprias mentes com o fato que a doutrina, tal como Paulo a apresentou, concordava com a revelação de Deus. Como resultado deste exame cuidadoso, sob a direção do Senhor, muitos deles chegaram à fé em Jesus o Salvador, juntamente com considerável número de gregos proeminentes, tanto de mulheres como de homens. Notemos: A falha que em nossos dias precisa ser deplorada mais do que qualquer outra é a recusa dos descrentes e dos críticos para examinar as asserções do evangelho de modo paciente e aberto. Por isso a ignorância deles se mostrará tanto mais condenadora em sua condenação final. Mas para os que confessam ser discípulos de Cristo produz a maior alegria poderem examinar as Escrituras e encontrar as múltiplas evidências da verdade e do poder de Deus.

Mas este relacionamento agradável e proveitoso de Beréia foi rapidamente perturbado. As notícias da atividade de Paulo chegaram ao conhecimento dos judeus de Tessalônica que nessa cidade haviam criado o levante. O fato que Paulo estava proclamando a palavra de Deus em Beréia foi, evidentemente, em sua avaliação um crime de primeira grandeza, tal como ainda hoje o é aos olhos de muitos inimigos do evangelho. Por isso fizeram uma viagem especial para Beréia com o fim de agitar a massa do povo, de criar alvoroço e perturbação. Até ao dia de hoje, como o mostraram recentes casos, este método parece gozar de grande favor da parte daqueles que gostariam de esmagar a pregação pura do evangelho. Antes, porém, que os motins realmente fossem incitados, antes que ocorresse qualquer irrupção de ilegalidade, os irmãos, os membros da pequena congregação que fora formada, despediram rapidamente Paulo para sua viagem em direção do mar. Foi contra ele que os ataques principalmente foram dirigidos, e ele precisa ser poupado para o trabalho futuro na vinha do Senhor. Então serviu de muito consolo a Paulo que Silas e Timóteo ficaram em Beréia e continuar o trabalho no estabelecimento da jovem congregação.

Paulo Em Atenas. At. 17. 15-34.

A chegada e as primeiras discussões: *V. 15) Os responsáveis por Paulo levaram-no até Atenas, e regressaram trazendo ordem a Silas e Timóteo para que o mais depressa possível fossem ter com ele. 16) Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava, em face da idolatria dominante na cidade. 17) Por isso dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça todos os dias, entre os que se encontravam ali. 18) E*

alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: *Que quer dizer esse tagarela?* e outros: *Parece pregador de estranhos deuses, pois pregava a Jesus e a ressurreição.* 19) Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: *Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?* 20) *Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber que vem a ser isso.* 21) *Pois todos os de Atenas, e os estrangeiros residentes, de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades.* A solicitude dos discípulos de Beréia não lhes permitiu que deixassem seu querido mestre viajar sem uma escolta, por isso alguns deles se dispuseram voluntariamente para acompanhá-lo a um lugar seguro. A intenção inicial parece ter sido conduzir Paulo até a costa e fazê-lo num porto daquele lugar até que Silas e Timóteo novamente se lhe pudessem juntar. Ali ele podia estar pronto para a fuga sobre o mar a qualquer momento. Este plano, porém, por algum motivo não se mostrou exequível, por isso os amigos de Paulo o conduziram por todo caminho até Atenas. Esta cidade era uma das mais famosas cidades do mundo, situada na Grécia, que era a província romana da Acaia, na península Ática, nove quilômetros a nordeste do Golfo de Saros, e ligada ao porto marítimo de Piraco por extensas muralhas. Na colina, chamada Acrópole, estava o famoso templo Partenão, e outros belos prédios públicos que coroavam outras eminências. Atenas naquele tempo já não era mais a capital política da Grécia, mas continuava como seu centro literário, assim como o foi de todo o mundo civilizado por muitos séculos mais tarde. Mas, apesar de todo seu conhecimento e filosofia, que era o orgulho de seus vaidosos cidadãos, a cidade caíra vítima de decaída social e da corrupção moral. “Na própria Atenas, onde floresceu a filosofia mais profunda, a mais ardente eloquência, a mais excelente poesia, e mais refinada arte criadora que o mundo já pôde ver, houve lá o mais completo e deliberado abandono a todos os vícios que a paixão podia incitar ou a imaginação inventar.”¹⁴⁾ Paulo, tendo chegado a Atenas, despediu os irmãos que o haviam acompanhado com o compromisso que Silas e Timóteo se lhe juntassem o mais rápido possível. Mas enquanto Paulo esperava em Atenas por seus assistentes, de modo algum esteve ocioso. Enquanto andava alto-abaixo pelas ruas da famosa cidade, foi violentamente agitado e tomado de ira, ou seja, foi muito provocado, seu espírito foi provocado, porque viu que a cidade toda estava cheia de ídolos. Foi um aspecto que distinguiu Atenas das demais cidades da Grécia. Havia sido erguidas milhares de figuras de deuses e deusas ao longo das ruas, e muitos altares os sacrifícios daqueles que ainda acreditavam na forma antiga da religião grega. A extrema vexação do apóstolo sobre estas condições, e seu desejo sincero de denunciar estes erros gentios, levaram-no a arrazoar e argumentar, não só na sinagoga, com os judeus e os prosélitos que ali pôde encontrar, mas também diariamente no fórum, na praça da cidade. Este não foi um lugar nu e vazio no meio da cidade, mas estava rodeado de belos pórticos adornados de obras de escultura de artistas famosos, onde os homens eruditos do dia se reuniam para discussões filosóficas, onde também as escolas filosóficas tinham suas salas de reunião. A *Stoa Poikile* se localizava dum lado, onde se reunia a escola filosófica dos estóicos, e os jardins de Epicuro não ficavam longe, sendo que uma das escolas ensinava a total resignação ao destino, mas a outra proclamava o prazer intelectual e sensual de todas as formas. Mas isto não fez diferença a Paulo, que arrazoava com os freqüentadores ocasionais da praça bem como com os membros das destas escolas filosóficas. Em certas ocasiões as discussões tomavam a forma de encontros formais, em outras, de debates calorosos, porque Paulo tentava convencer estes filósofos. E os comentários deles sobre seus esforços não eram de todo lisonjeiros. Alguns de modo debochado inquiriam o que este tagarela tentava dizer. O significado deste apelido estranho que deram a Paulo ficou claro por meio de recentes descobertas, visto que é aplicado alguém que apanha restos e migalhas que foram atirados na rua. “Aos doutos atenienses isto evidentemente significou que Paulo, apesar de suas asseverações, não era um filósofo original, mas um apanhador de certas migalhas de filosofia que haviam sido descartadas por mestres autorizados que haviam sido apropriadamente instruídos.”¹⁵⁾ Outros, de modo debochado, observaram que Paulo pareceu ser um proclamador de demônios de algum outro lugar, de divindades novas e estranhas, de deuses dos quais anteriormente jamais se ouvira. Esta última observação foi motivada pelo fato que o apóstolo lhes pregara a mensagem evangélica: Jesus e a ressurreição.

¹⁴⁾ 68) McGarvey, *New Commentary on Acts, II*. 118.

¹⁵⁾ 69) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 489.

Notemos: Seja que lidemos com a pretensão dos judeus ou com a sabedoria dos gregos, temos sempre e somente uma tarefa à nossa frente que é pregar o evangelho do Cristo crucificado e ressurreto. No fim o assunto chegou a uma crise. Os homens que discutiam com ele levaram-no e trouxeram ao Areópago, com a observação, em forma de pergunta, se lhes fosse possível descobrir o que era este novo ensino que ele proclamava. Paulo não falou sobre uma doutrina qualquer, mas de fato pregou a doutrina cristã. O que ele lhes trouxe aos ouvidos foram coisas estranhas e insólitas, surpreendentes e desconcertantes a pessoas orgulhosas de sua filosofia humana; por isso estiveram resolvidos a saber o significado que queriam transmitir. Lucas acrescenta, como explicação, que todos os atenienses, tanto os nascidos na cidade como os estrangeiros que, por certo tempo, residiam na cidade, não tinham tempo disponível para qualquer outra coisa, não achavam qualquer outra ocupação mais agradável ou fascinante, do que contar ou ouvir algo novo, insólito, fora do comum, algo que lhes fizesse cócegas nos intelectos insensíveis; somente a mais recente notícia no campo da filosofia e na ciência era o seu petisco mais primoroso. Notemos: Em nossos dias o mundo das letras mudou na aparência, mas não em espécie. As verdades eternas da Bíblia são desprezadas como uma tagarelice bolorenta, mas cada nova teoria de ciência verdadeira ou falsa, por mais fraca que seja sua argumentação, é aclamada com prazer e não poucas vezes é estabelecida como sendo uma lei irrefutável.

A primeira parte da fala de Paulo: *V. 22) Então Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; 23) porque passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio. 24) O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas; 25) Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; 26) de um só fez toda raça humana para habitar sobre a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; 27) para buscarem a Deus se, porventura, Tateando o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós. 28) Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.* Paulo havia sido colocado pelos homens que o conduziram ao Areópago, e agora estava parado no meio do conselho ou da cârte. O Areópago foi, em tempos antigos, um conselho judicial de Atenas, que realizava suas sessões na ‘colina de Marte’, que ficava um pouco a oeste da Acrópole, que é plenamente visível do seu topo. No alto desta colina ainda podem ser vistos os bancos nos quais os areopagitas se assentavam ao ar livre, e as duas grandes pedras nas quais se sentavam o presos incriminados. Mas não está totalmente certo se Paulo foi posto a prova diante desta antiga cârte. Ele pode ter sido conduzido a este lugar, por ser o lugar mais apropriado para se dirigir a uma audiência interessada, ou o fizeram com o mero objetivo duma inquirição informal feita pelos membros da cârte sobre seu ensino. Mas de todas as evidências a que se tem acesso parece certo que este conselho teve o direito de se pronunciar sobre as qualificações de todos os conferencistas, fossem eles da universidade ou da cidade, e a detenção oficial deste conferencista não autorizado de modo algum foi impossível.¹⁶⁾ Mas, tenha o conselho ouvido a Paulo de modo formal ou informal, tenha ele falado na colina contígua à Acrópole ou nalguma das grandes alas pero do fórum (*Stoa Basileios*), onde as pessoas tinham uma oportunidade melhor para o ouvir, o seu discurso diante deste seletivo grupo dos homens mais sábios do mundo foi uma tribuna descompromissada em favor do arrependimento e da fé. Ele se dirige à assembléia na maneira costumeira de “Homens de Atenas.” Que eram um povo muito religioso (literalmente, que em alta medida temiam a demônios) isto ele observara, e assim as coisas lhe pareciam; tinham sua reverência religiosa em alto valor. Pois quando ele passeava pelas ruas de sua cidade e teve a oportunidade de observar com interesse seus objetos de veneração religiosa, como templos, bosques, altares, estátuas que consideravam sagradas, ele também encontrara um altar com a inscrição: A um Deus desconhecido; uma epígrafe posteriormente encontrada ao menos em um altar, e ocasionalmente referida em escritos antigos. Com base em Rm. 1. 18-20,

¹⁶⁾ 70) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 489, 490. Cf. Barton, *Archeology and the Bible*, 220.

ao que podem ser juntadas provas paralelas de muitas fontes seculares,¹⁷⁾ que muitos gentios sentiram a insuficiência e a inadequação de sua religião. Seu conhecimento natural de Deus levou-os a duvidar da idolatria como praticada pelo seu próprio povo, e muitas vezes a condenou, e os deveria ter impulsionado a pesquisar tanto até que encontrassem a revelação do Deus verdadeiro; pois nunca houve época em que o culto do Deus do céu não fosse proclamado em algum lugar. Os altares ao Deus desconhecido parecem ter sido uma admissão semiconsciente da vaidade e do vazio da idolatria. Desta forma os atenienses adoraram o que não conheciam. Com reverência reconheceram uma existência divina que lhes era impossível dar um nome. Mas o que desta forma adoraram com devoção, sem o conhecer, Paulo lhes proclamou.

Paulo, depois desta breve introdução, lhes apresentou o Deus verdadeiro, para que tanto conhecessem seu nome como também o reverenciassem conscientemente. O Deus que criou o mundo, o universo criado, e tudo o que ele contém, este, o verdadeiro Senhor de céus e terra, não faz sua habitação em templos feitos pelas mãos de homens. Paulo, deliberadamente, contrasta o verdadeiro Deus com os ídolos que moravam em templos feitos pelas mãos, e cuja estátua muitas vezes só ocupava um pequeno nicho dum desses templos. O Deus verdadeiro também não é servido ou adorado com dons ou sacrifícios feitos pelas mãos de homens, como se não possuísse perfeição e a plenitude de tudo, mas ainda estivesse em falta de algo. Antes, acontece o contrário, ele é quem da vida e respiração a todas as pessoas, e todas as coisas de que necessitam. Obviamente é um procedimento tolo tentar dispensar ao Doador de todas boas dádivas aquilo que ele sempre possuiu, visto que até a própria vida das pessoas, bem como a contínua existência deles, dependem unicamente dele. E este Criador onipotente criou dum só, pela criação de Adão como pai de toda a raça humana, toda e qualquer raça de gente com o objetivo de habitarem em toda a face da terra, ou seja, em qualquer parte da terra. Não há qualquer necessidade para alguma teoria ou conjectura. Adão é, pela vontade de Deus, ancestral de toda a raça humana. E este mesmo Deus também fixou, determinou, os tempos que de antemão foram apontados e os limites do domicílio das pessoas. Pela vontade e a disposição de Deus existem períodos durante o quais as nações podem conservar a posse do território que ocuparam, e há momentos no tempo quando serão espoliados. Desta forma Deus, que criou todas as pessoas, também controla a história de todas as nações. E o objetivo que Deus tem, quando desta forma manifesta seu poder onipotente e sua providência, é que todas as pessoas busquem ao Senhor, se, de alguma forma, suas mentes puderem apoderar-se de alguma de suas essências e assim o puderem achar. Deviam ser levados a conseguir o próprio conhecimento de Deus que Paulo aqui tenta transmitir-lhes. Talvez seja um tatear, como o dum cego, e com todo seu empenho resulte só num conhecimento parcial da essência de Deus; mas devia avançar, e então ser suplementado pelo conhecimento da revelação. Pois Ele, o Criador, não está longe de cada ser humano, sendo que sua presença pessoal esta com cada uma de suas criaturas, não nalguma forma panteística, mas num relacionamento pessoal que mostra seu cuidado terno por cada vida em particular. É nele que todas as pessoas vivem, se movem, e existem, e são entes pessoais. Se não fosse Deus que nos sustenta, e nós não poderíamos apresentar qualquer indício de vida, seria-nos impossível mover-nos, e nem ao menos existiríamos. O conhecimento que Paulo, desta forma, desenvolveu, pode ser conseguido até por uma contemplação das obras de Deus, como tentavam mostrar passagens dos profetas gregos, que Paulo cita brevemente: Descendência dele somos nós. As palavras são encontradas nos poemas de Arato e Cleanto, e eram familiares a todos que conheciam algo da poesia grega. Que aqui Paulo aplicou palavras dum poema gentio ao Deus verdadeiro não devia ser motivo de ofensa, visto que os poetas, sem dúvida, expressaram o conhecimento natural de Deus, que se havia tornado sua convicção por meio duma observação atenta do mundo e seu governo. Desta forma, baseando suas observações sobre o conhecimento natural dum ente divino a qual, mesmo depois da queda, se encontra nos corações das pessoas, Paulo dera aos seus ouvintes alguma idéia do Deus verdadeiro e da relação deles com eles por meio da criação e da preservação. Os mesmos argumentos, em circunstâncias semelhantes, muito bem podem ser aplicados até ao dia de hoje.

A conclusão de Paulo e o resultado de seu sermão: *V. 29) Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra,*

¹⁷⁾ *Theological Quarterly*, 10 (1906), 9ss.

trabalhados pela arte e imaginação do homem. 30) Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; 31) porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos. 32) Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. 33) A essa altura Paulo se retirou do meio deles. 34) Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele, e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Damaris e com eles outros mais. O argumento de Paulo é assim que, se seus ouvintes guardaram em mente os fatos sobre a essência de Deus e o relacionamento das pessoas com Deus, e se aceitaram a afirmação que as pessoas são descendência de Deus, que, como criaturas de Deus, são sustentadas pela sua providência, então segue que uma adoração a ídolos é totalmente indigna da elevada origem dos seres humanos. Precisam decidir-se não somente contra o culto a imagens, mas também contra o costume ou pensamento que tornou possível um tal culto, como sendo tolo e sem sentido. Não só é uma afronta a Deus, mas também um insulto a um bom senso comum pensar que a divindade é semelhante a ouro e prata ou pedra, configurado e esculpido pela arte e produzido conforme a premeditação dum homem. Aquilo que a mente dum homem, sua imaginação, haviam planejado, e o que então a habilidade dos seus dedos havia executado em metal ou mármore, isto, com toda certeza, de modo sensato não podia estar dotado com as qualidades da Divindade! Além disso, seus ouvintes deviam saber que Deus, de fato, ignorara os tempos da ignorância, não como se não tivesse castigado os pecados dos gentios, mas que mostrou paciência e clemência eles, não os punindo na medida em que sua idolatria o merecera. Agora, contudo, visto que a plena revelação de Deus fora feita em Jesus Cristo, Deus requer uma mudança de mente e vida, um completo arrependimento da parte de todas as pessoas; esta mensagem vem na forma duma ordem enfática. Por isso deviam estar atentos, visto que Deus fixou, ou estabeleceu, um dia em que ele pretende julgar o mundo inteiro, todas as pessoas sem exceção, com retidão, de tal modo que cada um há de receber total justiça. Este julgamento será executado pela pessoa dum homem, por um Juiz a quem Deus apontou para este fim, Jo. 5. 22. Mas enquanto isso Deus está a oferecer a fé a todas as pessoas, havendo ressuscitado este homem, Jesus Cristo, dos mortos. A fé é aproximada, é oferecida, a todas as pessoas sem exceção, a fé baseada na ressurreição de Jesus Cristo, e tornada possível por este grande milagre da graça de Deus. O discurso de Paulo, desta forma, finda numa triunfante irrupção de pregação do evangelho, que tem o propósito de mover estes gentios com a maravilhosa beleza desta mensagem e abrir seus coração para Cristo. Porém a idéia duma ressurreição dos mortos, algo tão indissolúvelmente ligado ao ensino cristão, foi a estes sábios atenienses o ápice da tolice. Enquanto Paulo demonstrara a loucura do culto idólatra deles, eles haviam escutado com respeitosa atenção, mas agora que lhes trouxe o ensino essencial sobre Cristo, alguns dos homens da platéia o interromperam com gritos de zombaria, não demonstraram meramente um interesse frio nos assuntos apresentados, mas expressaram sua disposição de ouvi-lo novamente em outra ocasião. Queriam algum tempo para refletir as verdades que até aqui haviam ouvido. Desta forma Paulo deixou a assembléia da corte sem outra oposição. Mas, mesmo em Atenas, a palavra não ficou sem fruto imediato, pois diversas pessoas na audiência em cujos corações a fé havia sido acesa, e que, por isso, se juntaram a Paulo como seus companheiros e como discípulos do Senhor. Entre estes houve um membro do conselho de Atenas, um homem que distinção na cidade, de nome Dionísio, e uma mulher, muito provavelmente uma mulher estrangeira, de boa educação e de influência, e mais alguns com eles. Cristo reina e alcança vitórias em meio aos seus inimigos, ainda que a vaidosa Atenas só rendeu uns poucos convertidos, 1.Co. 1. 26,27. Deixemos que toda a sabedoria e arte deste mundo vaidosamente brade em acusação contra a verdade do evangelho, ainda assim a tolice de Deus é mais sábia do que as pessoas; ela ensina a sabedoria celeste que foi revelada em Cristo.

Resumo: Paulo e Silas pregam o evangelho em Tessalônica e Beréia, Paulo viaja à frente de seus companheiros da última cidade para Atenas, onde também prega a verdade das Escrituras e da fé em Jesus.

Capítulo 18.

Paulo Em Corinto. At. 18. 1-17.

Áquila e Priscila e o começo do trabalho: *V. 1) Depois disto, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. 2) Lá encontrou certo judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. 3) E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles, e trabalhavam; pois a profissão deles era fazer tendas. 4) E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos. 5) Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus. 6) Opondo-se eles e blasfemando, sacudiu Paulo as vestes e disse-lhes: Sobre a vossa cabeça o vosso sangue! eu dele sou limpo, e desde agora vou para os gentios.* Paulo tivera o desejo de esperar em Atenas por Silas e Timóteo, mas as circunstâncias levaram-no a deixar a cidade antes que eles chegassem. Ele partiu ou saiu de Atenas, a cidade que não teve interesse na mensagem do evangelho. Um pouco mais do que 70 Km a oeste, junto a uma boa estrada romana, no istmo entre Hélade e o Peloponeso, ficava a cidade de Corinto que era a capital da província romana da Acaia, e o centro de governo e do comércio. Era uma cidade rica e bela, sendo que alguns dos seus templos e prédios públicos rivalizavam com os de Atenas. Sua riqueza lhe vinha aos borbotões pelo seu ancoradouro leste, chamado Cencrêia, no Golfo Sarônico (obs.trad.: hoje Egina), e no oeste pela Baía de Corinto. Mas Corinto, com toda sua beleza exterior, sua riqueza e fama, se tornara um provérbio para o vício e a infâmia, para a corrupção e licenciosidade. Os fenícios haviam estabelecido, séculos antes, o culto da deusa semita Astarte na Acrópole de Corinto, e a consagração ostensiva de desavergonhada impureza no serviço deste templo de Vênus, como é o nome romano, é tal que é quase impossível de se acreditar. Paulo, ainda assim, agiu com avaliação cuidadosa quando escolheu esta cidade como um posto missionário, visto que ela era um dos eixos na linha de comunicação, sendo o ponto de convergência de muitas estradas secundárias. Em Corinto Paulo igualmente pôde seguir seu método usual de alcançar o povo, visto que as vantagens comerciais da cidade haviam atraído muitos judeus, havendo uma sinagoga com uma congregação florescente. Depois que Paulo chegara à capital da Acaia, ele encontrou, não por deliberada busca, mas por acaso – ele cruzou – um judeu por nome Áquila, que proviera do Ponto na Ásia Menor, uma província a sudeste do Mar Negro. Este homem viera recentemente da Itália com sua mulher Priscila, porque o imperador romano Cláudio, no ano 50 A.D., por um decreto imperial expulsara todos os judeus de Roma. Em vista disso deve ter sido no outono deste ano que Paulo encontrou Áquila e sua mulher e fez os preparos para se hospedar com eles. Não se pode mostrar definitivamente, se Priscila foi de alta classe social, como já se conjecturou, ou não, e se ela foi a que primeiro se converteu a Cristo, ou se seu esposo a guiara à salvação que ele encontrara antes. Certo é, porém, que ela foi muito proeminente no trabalho da igreja, Rm. 16. 3; 1.Co. 16. 19; 2.Tm. 4. 9, e que ela foi de grande fervor de espírito e de muita habilidade executiva. O ajuste feito por Paulo para se hospedar com estas pessoas mostrou que foi mutuamente agradável e satisfatório, pois eram artífices companheiros, sendo seu negócio o de fabricar barracas. Provavelmente não lhes foi preciso tecer o material, visto que, numa cidade mercantil como Corinto, era fácil a aquisição do produto acabado da Cilícia e outras províncias asiáticas. Paulo, desta forma, trabalhou em sua profissão e conseguiu seu sustento pelo trabalho de suas mãos feito durante a semana, cap. 20. 34, 35; 1Ts. 2. 9; 2.Ts. 3. 8; 1.Co. 4. 11, 12; 2.Co. 11. 9; Fp. 4. 12; mas no sábado seguiu seu antigo costume de argumentar na sinagoga e tentando persuadir tanto a judeus como gregos, que eram os prosélitos que freqüentavam o culto na sinagoga. Terá Paulo estado enfermo naquela ocasião, ou terá sentido falta de seu costumeiro fervor e de sua agressividade? O que, de qualquer maneira, parece certo é que não foi capaz de fazer a mesma impressão sobre seus ouvintes. Mas uma mudança ocorreu com a vinda de Silas e Timóteo de Macedônia, que, ao menos por algum tempo, ficaram com ele nesta estada, 2.Co. 1. 19, sendo igualmente citados nas saudações das duas cartas aos Tessalonicenses. Seus dois assistentes, provavelmente, lhe trouxeram algum suporte financeiro da congregação de Tessalônica, visto que agora se ocupou totalmente com o ensino da doutrina da salvação, dedicando todo seu tempo e suas energias à pregação do evangelho, tal

como é encontrado na profecia e em seu cumprimento, e testificando com grande poder e sucesso a respeito do fato que Jesus é o Cristo, o prometido Messias. Tal como sempre, sua destemida proclamação precipitou uma crise. Os judeus se arregimentaram em oposição a ele e sua mensagem; não só maltrataram a Paulo, como também blasfemaram seu evangelho e o nome de Cristo. Paulo, por isso, solene e impressivo, sacudiu sua capa, sacudiu o próprio pó de suas sinagogas de suas vestes em testemunho contra eles, dizendo-lhes, ao mesmo tempo, que o sangue deles estava sobre suas próprias cabeças, que não poderiam ter ninguém outro do que eles próprios como responsável de sua condenação. Ele soube que estava limpo, inocente, livre de qualquer culpa; ele fizera por eles tudo o que lhe competira. Deste tempo para frente ele desejou ir aos gentios. Eles precisam atribuir totalmente à sua própria dureza decoração todo e qualquer fim sangrento e o inevitável castigo divino; sua consciência o absolvía de qualquer responsabilidade ulterior. Notemos: Quando todos os esforços de levar o evangelho a uma determinada região ou cidade são frustrados por causa da recusa dos seus habitantes, a consequência de sua oposição bem pode ser anunciada ao povo em termos semelhantes aos que Paulo usou; pois Deus não se deixa zombar.

Sucesso na pregação aos gentios: *V. 7) Saindo dali, entrou na casa de um homem chamado Tício Justo, que era temente a Deus, a qual era contígua à sinagoga. 8) Mas Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa; também muitos dos coríntios, ouvindo, criam e eram batizados. 9) Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; 10) porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade. 11) E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.* Paulo, tendo saído de lá, isto é, da sinagoga, ou tendo partido, se retirado, do meio dos judeus blasfemos, não esteve por muito tempo sem saber a respeito de um lugar apropriado para reuniões. Imediatamente entrou na casa de certo Tício (ingl.: *Titus*) Justo, um homem temente a Deus, um prosélito, evidentemente um cidadão romano de alguma influência e com meios, pelo qual Paulo pôde conseguir acesso às classes educadas da cidade. Por isso, como acontece muitas vezes, a ação dos judeus, em lugar de prejudicar ao apóstolo, redundou em benefício do evangelho. A localização da casa de justo também foi favorável, visto que vizinhava com a sinagoga, e desta forma favorecia o acesso tanto a judeus como a gregos. E que nem todos os judeus se juntaram na blasfêmia à mensagem do evangelho é visto no fato que Crispo, o chefe da sinagoga de Corinto, nesta crise se apresentou corajosamente em favor da causa do Senhor; creu no Senhor com toda sua casa, com todos os membros de sua família e demais domésticos, isto é, filhos e servos, 1.Co. 1. 14. E este movimento aumentou em força, pois muitos dos coríntios, dos gentios, quando ouviram a palavra, creram no Senhor Jesus Cristo e foram batizados. A expansão da nova fé foi gradual, mas contínua. A atitude decisiva de Paulo confessando seu Senhor não impedira, mas favorecera o curso da palavra. Agora, porém, ele foi fortalecido em seu trabalho agressivo por meio duma visão, que tivera de noite, em que o Senhor lhe disse que não tivesse medo da contínua oposição maldosa dos judeus nem de qualquer outro perigo, mas que continuasse a falar e a testificar, e que nenhum modo se calasse, e que nunca parasse. E o Senhor reforçou esta ordem por meio da encorajadora promessa que ele em pessoa, que o próprio Deus onipotente, estava com ele, e que ninguém lhe poderia lançar mãos para o prejudicar. Todo aquele que está sob a proteção do Senhor está mais protegido do que se todos os exércitos do mundo fossem convocados e colocados em sua defesa. Como o Senhor disse, ele tinha em Corinto muito povo que ainda precisava ser ganho pela pregação do evangelho. Deus soube que no caso deles sua vontade misericordiosa se cumpriria, que eles aprenderiam a crer em seu Salvador Jesus Cristo. Desta forma o Senhor escolheu do meio do povo de Corinto, cujo nível moral era tão baixo como o de qualquer outra cidade do império, uma congregação que seria santificada pelo sangue de Cristo, pela fé na salvação nele. Aqui o cristianismo forjou seu milagre, como afirma certo comentarista, pois em Corinto o evangelho foi exposto a um teste supremo, e em nenhum outro lugar ele triunfou de modo mais glorioso. E mesmo que Deus, na maioria das vezes, escolheu os humildes entre o povo, 1.Co. 1. 26, 27, o seu chamado incluiu também pessoas de alta posição, como Crispo, Gaio, Estéfanos, e Erasto que era o tesoureiro da cidade, Rm. 16. 23. Paulo, diante dum sucesso tão esplêndido causado pelo seu trabalho, morou, ou seja, se estabeleceu, temporariamente em Corinto. Desenvolveu um trabalho calmo e decidido no estabelecimento da congregação e vê-la crescer na fé e na santificação, sendo que

toda a estada consumiu um ano e seis meses. Ele pregou a palavra do Senhor, e não quaisquer fantasias de sua própria imaginação ou da filosofia do homem; pois este último jamais irá edificar a igreja de Cristo, não importando o modo atrativo em que foi apresentado.

A insurreição no tempo de Gálio: *V. 12) Quando, porém, Gálio era procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo, e o levaram ao tribunal, 13) dizendo: Este persuade os homens a adorar a Deus, por modo contrário à lei. 14) Ia Paulo falar, quando Gálio declarou aos judeus: Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade, ó judeus, de razão seria atender-vos; 15) mas se é questão de palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos, eu não quero ser juiz dessas coisas! 16) E os expulsou do tribunal. 17) Então todos agarraram a Sóstenes, o principal da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal; Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas.* Gálio se tornou procônsul da Acaia e assumiu os negócios da província no verão de 51 A.D., quase um ano depois que Paulo chegara a Corinto. “É mais outra prova da precisão de Lucas. A Acaia fora governada por um procônsul desde 27 a.C. (quando fora separada da Macedônia, a que fora unida desde 146 a.C, e tornada numa província separada). Tibério, no ano 15 A.D. reunificara-a com a Macedônia e a Mísia, e por isso, como província imperial, esteve sob um *legatus* imperial. Outra mudança, porém, ocorreu quando Cláudio, 44 A.D., tornou-a novamente uma província senatorial sob um procônsul.”¹⁸⁾ Os judeus, evidentemente, pensaram que esta era uma ocasião propícia para começar um tumulto, pois, unanimemente, como se fossem um só homem, se ergueram contra Paulo, e o levaram ao tribunal de julgamento do procônsul. Talvez pensaram que o novo procônsul desejaria fazer uma impressão favorável e imediatamente conseguir a boa vontade de todos os seus súditos, e que por isso lhes atenderia o pedido. Sua acusação contra Paulo foi que ele, em contrário à lei, persuadia as pessoas para que adorassem a Deus. O fraseio da acusação mostrou grande habilidade, visto que em certo sentido a palavra “lei” podia incluir tanta a lei romana como a lei judaica, sendo a primeira estabelecida pelo governo, e a segunda permitida por decreto especial. Quando afirmaram que o ensino de Paulo era ilegal, quiseram repassar a impressão que ele espalhava uma religião proibida, enquanto que em seus próprios corações só se haviam referido à sua lei cerimonial e às tradições que consideravam sagradas. Desta forma os judeus aqui fizeram uso de atrevimento mesclado com sagacidade. Paulo esteve exatamente para abrir seus lábios para fazer uma réplica apropriada à esta acusação sofista, quando Gálio deu aos judeus uma resposta que mostrou que ele traçou uma linha firme e clara entre uma acusação sobre uma ação ilegal contra o estado e contra a lei e o costume judaicos. Explicou que, se fosse um caso duma ação ilegal, duma quebra da lei do estado, ou se fosse um crime real, um delito moral, com que acusavam a Paulo, então ele os apoiaria, e examinaria o caso, conforme o que é correto e justo. Mas, no que dizia respeito a alguma discussão sobre alguma palavra ou sobre nomes da lei deles, disse eles próprios deviam preocupar-se; mas ele não se ofereceu para agir como juiz nestes assuntos. Gálio não esteve completamente claro a respeito do teor da controvérsia. Talvez ouvira algumas alusões à palavra de Deus, ao nome de Jesus, aos usos e costumes dos judeus. Também não lhe era necessário, em sua qualidade de juiz secular, estar familiarizado com estes assuntos. Mas ele, com certeza, mostrou que não foi inoportuno o alto louvor que os historiadores lhe dão, chamando-o um homem de admirável integridade, afável e popular. Nisso ele pode muito bem servir de exemplo a funcionários estatais de qualquer lugar, mostrando-lhes que os negócios do estado só lidam com transgressões da segunda taboa da lei, e não devem interferir no exercício da religião. A ação rápida e enérgica do procônsul, não só quando sem delongas deu uma opinião clara, mas também quando, com certa aspereza, despediu os judeus importunos, quando limpou o tribunal, fez uma impressão muito favorável sobre as pessoas reunidas no tribunal, e mudou o curso do preconceito popular em favor de Paulo. Os gregos presentes, imediatamente, pegaram a Sóstenes, o sucessor de Crispo como chefe da sinagoga, e lhe aplicaram uma boa surra à plena vista do tribunal, sendo que Gálio não deu atenção à notícia da sova, assumindo, sem dúvida, que havia algum ressentimento contra os judeus que desta forma quase inofensiva encontrara sua vasão. E foi assim que, conforme a promessa do Senhor de que nenhum mal iria ocorrer ao apóstolo, o objetivo de Gálio de se restringir estritamente a seus negócios de procônsul foi um meio para salvar Paulo de perseguição e, provavelmente, até da morte.

¹⁸⁾ 72) *Expositor's Greeg Testament, II. 389.*

De Corinto para Antioquia: *V. 18) Mas Paulo, havendo permanecido ali ainda muitos dias, por fim, despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria, levando em sua companhia Priscila e Aqüila, depois de ter raspado a cabeça em Cencrêia, porque tomara voto. 19) Chegados a Éfeso, deixou-os ali; ele, porém, entrando na sinagoga, pregava aos judeus. 20) Rogando-lhe eles que permanecesse ali mais algum tempo, não acedeu. 21) Mas, despedindo-se, disse: Se Deus quiser, voltarei para vós outros. E, embarcando, partiu para Éfeso. 22) Chegando a Cesaréia, desembarcou, subindo a Jerusalém e, tendo saudado a igreja, desceu para Antioquia.* Depois da frustrada insurreição dos judeus, que deve ter ocorrido no outono do ano 51 A.D., Paulo permaneceu ainda, mais ou menos, por meio ano em Corinto, como Lucas relata, muitos dias, mostrando que já não havia mais dificuldade, mas que o evangelho podia ser pregado livremente. Contudo, então, e se despediu dos irmãos e embarcou para a Síria, isto é, começou sua viagem que teve a Síria como alvo. Priscila e Aqüila, seus hospedeiros e caros amigos, o acompanharam. Notemos que Lucas coloca primeiro o nome da mulher, por ser a mais ativa e forte na obra do Senhor. Desceram, primeiro, ao ancoradouro leste de Corinto, que era a cidade de Cencrêia, visto que aqui ancoravam os navios que carregavam o comércio com a Ásia. Antes de embarcar, Paulo fez raspar sua cabeça e levou consigo o cabelo, pois tinha um voto que queria pagar ao Senhor, provavelmente na páscoa vindoura em Jerusalém, Nm. 6. 13-21.¹⁹⁾ Estivera sob voto nazireu, e agora retomou o corte regular de seu cabelo, o qual, conforme provisões especiais que envolviam estes casos, então podia ser levado à porta do templo e ali ser queimado. Como judeu, Paulo ainda observou os costumes da lei e da tradição dos judeus que não interferiam no exercício da religião cristã. No mesmo sentido Lutero não permitiu que razões iconoclásticas o governassem, mas reteve aqueles costumes do culto exterior que em si mesmos não são pecaminosos. Velejando de Cencrêia em direção leste, Paulo e seus companheiros cruzaram o Mar Egeu, com suas muitas ilhas lindas e históricas, numa distância de uns 450 Km, até Éfeso, a capital da província romana da Ásia, uma cidade que tivera intenção de visitar no começo da presente viagem. Aqui o apóstolo deixou seus companheiros, os quais provavelmente tiveram a intenção de aqui ficar por algum tempo com o objetivo de ajudar na obra missionária. O próprio Paulo, enquanto seu navio esteve ancorado por alguns dias, não se pôde privar do prazer de no sábado visitar a sinagoga, visto que desejou que outros participassem em sua esperança da salvação eterna pelos méritos de Jesus. Visando isto, com base nas Escrituras argumentou com os judeus, e isto não sem impressioná-los, pois lhe rogaram que ficasse ali por mais tempo. Sentiu-se, porém, constrangido a recusar o convite e por isso se despediu deles, dizendo que de qualquer maneira precisa celebrar a festa vindoura, provavelmente a da páscoa, em Jerusalém. Confortou-os, porém, com a promessa que retornaria a eles, se fosse a vontade de Deus. Notemos o exemplo que Paulo dá por meio da promessa condicional. Paulo, deixando Éfeso, continuou sua viagem pela costa sudoeste da Ásia Menor, de lá em direção sudeste pela ilhota de Rodes, deixando Chipre à esquerda, até que o navio alcançou Cesaréia, a cidade do centurião Cornélio. Sem se deter, subiu as montanhas onde ficava Jerusalém (altura de uns 800 metros), onde saudou a congregação, pagou seu voto, assistiu à festa, mas, a seguir, partiu imediatamente para viajar por terra até Antioquia, onde, sem dúvida, recebeu as alegres boas-vindas da igreja. Foi o fim de sua segunda e longa viagem missionária, na qual esteve empenhado por quase três anos.

O começo da terceira viagem missionária: *C. 23) Havendo passado ali algum tempo, saiu, atravessando sucessivamente a região da Galácia e Frigia, confirmando todos os discípulos. 24) Nesse meio tempo chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloqüente e poderoso nas Escrituras. 25) Era ele instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João. 26) Ele, pois, começou a falar ousadamente na sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Aqüila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus. 27) Querendo ele percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos, e*

¹⁹⁾ 73) Edersheim, *The Temple*, 374.

escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que mediante a graça haviam crido; 28) porque com grande poder convencia publicamente os judeus, provando por meio das Escrituras que o Cristo é Jesus. Paulo, provavelmente, alcançou Antioquia no começo do verão do ano 52, mas não passou ali muito tempo. Seu zelo pelo Senhor e pelo evangelho não lhe permitiu descansar. Antes mesmo que o começasse o calor do verão, ele, mais uma vez, esteve na estrada, viajando por terra pelo mesmo itinerário que fizera em sua viagem anterior, cap. 15. 41, pela Síria para a Cilícia, e dali pelos desfiladeiros da Cilícia para o planalto da Licaônia. Aqui continuou sua viagem missionária pelo sul da Galácia, nos distritos de Licaônia e Frigia, por Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. Julgando-se com base na rapidez de sua viagem, como indicada pelas palavras de Lucas, Paulo deve ter encontrado todas as igrejas destas regiões numa situação assim, que não era necessária uma visita mais demorada de sua parte. Ainda assim empregou bem cada oportunidade para admoestar, encorajar e confirmar todos os discípulos, instigando-os de coração a se apegar à fé no Senhor Jesus, tal como lhe fora entregue. Tanto pela sua energia, como pela sua aptidão para trabalhar, Paulo é um modelo missionário para todos os tempos. Ele não se poupou no trabalho por seu Senhor. Mas, enquanto ocupou o final do verão e o começo do outono no centro da Ásia Menor, acontecimentos em Éfeso prepararam o caminho para sua ação nessa cidade tão importante. Pois veio a Éfeso, e lá morou por algum tempo, um certo judeu de nome Apolo, por nascimento um alexandrino, visto que seus antepassados terem vivido desde a muitos anos nessa cidade do Egito, o que o tornou num nascido de Alexandria, mas um judeu por sua descendência e educação. Ele era tanto eloqüente como estudado, bem versado nas Escrituras; nelas ele esteve em casa e em qualquer emergência podia citar as passagens mais importantes na defesa de qualquer doutrina. Este homem recebera instrução catequética no caminho do Senhor; conhecia o plano divino da salvação que visava a redenção de Israel; ainda que só conhecendo o batismo de João, pode ter conhecido muitas das palavras e dos atos de Cristo, tendo chegado a isto pelos relatos que judeus egípcios trouxeram de suas visitas à capital dos judeus. Mas o que lhe faltava em exatidão no conhecimento, ele o supria plenamente em seu fervor. Seu espírito ardia de zelo pelo Senhor, e adotou o costume de falar e ensinar de modo acurado as coisas a respeito de Jesus Cristo. Ele, tanto em conversa particular como em discurso público e do mais exato que lhe era possível ressaltava os fatos que lhe haviam sido ensinados. Fraco como era no conhecimento cristão, começou, ainda assim, a falar francamente, até, na sinagoga, pois era conseqüente com suas idéias. E Aquila e Priscila, que não achado necessário separar-se de seus patrícios em Éfeso, ouvindo-o falar, evidenciaram fino tato e solicitude em seu favor. Reconheceram tanto suas boas qualidades como suas deficiências, e por isso o levaram consigo e com base nas informações que haviam recebido de Paulo, lhe expuseram com maior exatidão o caminho do Senhor. Esta foi uma boa indicação do espírito correto para com um irmão que ainda era fraco em conhecimento. E o fato que Apolo aceitou este serviço no espírito em que foi prestado mostra que não era vaidoso de suas habilidades e seu conhecimento. Por isso, algum tempo depois, depois de ter sido bem fundamentado no pleno conhecimento cristão, quando planejou ir para Acaia, para Corinto, e lá ficar por algum tempo, os irmãos cristãos de Éfeso escreveram em seu favor uma carta de recomendação, exortando os discípulos da capital grega a dar-lhe bom acolhimento. Este serviço de amor merece ser imitado um pouco mais em nossos dias. Pois não só os parentes e amigos íntimos, mas todos os irmãos em Cristo deviam ter interesse no bem-estar espiritual daqueles que se mudam para uma região diferente do país. Mas o exemplo de Apolo também é significativo, pois ele procurou imediatamente os irmãos de Corinto, e em conferência com eles provou ser de grande ajuda aos que pela graça se haviam tornado cristãos. Aquilo que Paulo plantara Apolo aguçou. Mas foi Deus quem deu o crescimento. Sua graça operou fé nos corações dos que creram, tal como acontece até aos nossos dias. O sucesso das atividades de Apolo deveu-se em grande parte ao fato que ele, de modo poderoso e veemente, anulou os judeus. Ele os confutava, mesmo quando não conseguia convencê-los. Pois, perante todas as pessoas, nas reuniões públicas, demonstrava das Escrituras, ou seja, dos escritos do Antigo Testamento que eram universalmente aceitos pelos judeus, que Jesus, o profeta de Nazaré, que foi crucificado em Jerusalém, não podia ser alguém outro do que Cristo, o Messias do mundo. É uma bênção, um dom de Deus, quando um mestre da igreja possui a habilidade de confutar os contradizentes e destacar os gloriosos fatos da salvação com a ênfase apropriada.

Resumo: Paulo atua em Corinto sob a proteção especial de Deus, retorna para a Antioquia por Éfeso, Cesaréia e Jerusalém, e começa sua terceira viagem missionária, realizando Apolo algum trabalho antecipado por ele em Éfeso.

Capítulo 19

O Trabalho De Paulo Em Éfeso. At. 19. 1-20.

A chegada de Paulo em Éfeso: *V. 1) Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, 2) perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo. 3) Então Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: No batismo de João. 4) Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cressem naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus. 5) Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus. 6) E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam. 7) Eram ao todo uns doze homens.* Enquanto Apolo esteve em Corinto, havendo feito depois de sua estada em Éfeso a viagem pelo Egeu, Paulo, tendo terminado sua viagem de visita nas regiões elevadas, ou montanhosas, da Ásia Menor, veio a Éfeso. Pelo que parece, Paulo não tomou a estrada principal de Antioquia da Pisídia, que passava por Colossos e Laodicéia (cf. Cl. 2. 1), mas tomou a rota mais curta, mais ao norte, pelo Vale do rio Caistro. Desta forma se encontrou em Éfeso no menor tempo possível. Éfeso, a capital da Ásia proconsular, foi, como Atenas, uma cidade típica de paganismo, sendo “o lar de todo charlatanismo e superstição orientais em combinação com seu helenismo”. Ficava quase a dois quilômetros do Mar Egeu, tendo à sua frente um ancoradouro artificial. Na colina que encimava a cidade se erguia o templo de Ártemis, um dos prédios mais magníficos da Ásia Menor. Foi especialmente valioso aos objetivos de Paulo que o sistema das estradas romanas que vinham de todas as localidades tornava Éfeso facilmente acessível. O apóstolo, chegando à cidade, se defrontou com uma condição peculiar e singular que prevalecia na congregação. Graças aos esforços de Aqüila, Priscila e Apolo, já havia um grupo de irmãos, de homens e mulheres que haviam aceito Jesus como seu Salvador; mas haviam uma imensa diferença na situação do conhecimento cristão. Pois Paulo encontrou aqui doze homens aos quais começou a perguntar sobre a amplidão de seu conhecimento das doutrinas cristãs. Uma de suas perguntas foi se haviam recebido o Espírito Santo no tempo quando chegaram a crer, sendo o sentido da pergunta se eles haviam recebido o dom extraordinário do Espírito Santo que fora outorgado a tantos convertidos. A resposta deles foi muito surpreendente, pois afirmaram que nem mesmo haviam ouvido da existência do Espírito Santo em conexão de sua conversão. Em resposta da pergunta seguinte de Paulo sobre o que, então, haviam sido batizados, isto é, que forma de batismo haviam recebido, dizem que foram batizados no batismo de João. Esta resposta mostrou a Paulo que careciam da compreensão correta, e começou a dar-lhes a necessária instrução, a saber, que João batizara com o batismo de arrependimento, dizendo também às pessoas que deviam crer naquele que estava por vir após ele, isto é, em Jesus Cristo.²⁰⁾ Esta exposição de Paulo abriu-lhes plenamente o entendimento, e receberam o Batismo em o nome do Senhor Jesus, sendo assim adicionados ao número daqueles que pertenciam a Cristo como sendo os seus. “Os papiros tem mostrado que onde ocorre a frase ‘batizado no’, que a pessoa batizada se torna a propriedade da indicada pessoa divina.”²¹⁾ E quando Paulo, que parece que foi quem pessoalmente realizou o batismo, impôs suas mãos sobre os homens, o Espírito Santo veio com dons extraordinários sobre eles, e eles falaram em línguas e profetizaram.

A história destes doze homens, tal como aqui relatada, parece muito estranha, quando vista à luz do conhecimento presente, mas a estranheza desaparece quando consideramos as circunstâncias. O caso é da mesma ordem do de Apolo, cuja ignorância do que certamente é

²⁰⁾ 74) Tanto por razões gramaticais como históricas, v. 5 não pode ser considerado como algo que pertence às palavras de Paulo. Cf., contudo, *Syn.Ber.*, Minn.Distr., 1912. 39.

²¹⁾ 75) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 220.

parte importante da doutrina cristã foi igualmente tão profunda. Precisamos distinguir entre o batismo que João administrava pessoalmente, e o de seus posteriores discípulos, o qual, via de regra, é referido como o batismo de João. O batismo com o qual João batizou, por ordem especial de Deus, foi um sacramento válido, que deu aos que confessaram seus pecados e que creram na pregação de João o perdão dos pecados e a graça de Deus.²²⁾ Mas João Batista foi meramente o precursor de Cristo. Sua pregação, tal como seu batismo, foi um testemunho de Cristo, que devia vir após ele, e que, por meio de seu sofrimento e morte, devia conseguir a salvação e o perdão para todos os pecadores. Depois que Cristo fora revelado a Israel e formalmente começara seu ministério, findara o tempo de preparação, tendo acabado o valor da obra e do ofício de João. E, então, quando Cristo, pela sua morte, findara sua obra e depois de sua ressurreição dera aos discípulos a ordem de batizar todas as nações em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; quando, acima de tudo, viera o dia de pentecostes, e quando os discípulos do Senhor foram batizados em nome de Jesus Cristo, o crucificado e ressuscitado, então o batismo de João já não teve mais qualquer valor, tal como o sacramento da circuncisão do Antigo Testamento, ainda que praticado pelos cristãos de origem judaica, só foi considerado uma simples cerimônia.

Mas nem todos os discípulos de João entraram no discipulado de Cristo. Mesmo depois da morte de João e da morte de Cristo, encontramos um pequeno grupo ou comunhão de discípulos de João que não se uniu à igreja. Estes, desta forma, viraram uma seita, e consideraram João como seu líder, mas atuaram contra a vontade e o mandamento de seu próprio mestre. Por isso o seu batismo, que realizaram e proclamaram como sendo a continuação do batismo de João, realmente não era batismo algum, mas uma mera cerimônia morta. Esta cerimônia fora realizada no caso destes doze discípulos de Éfeso, sendo que aquele que o ministrara a ele, muito provavelmente, não lhes testemunhou, nem na maneira e nem no poder de João, de que Cristo batizou com o Espírito e com fogo. Mas estes homens agora haviam ouvido em Éfeso a história de Jesus. Pela misericórdia e o poder do Espírito Santo haviam chegado à fé. E agora também receberam pela administração do sacramento que foi o verdadeiro batismo os dons extraordinários que haviam sido dados a outros cristãos batizados.²³⁾

O sucesso do evangelho: *V. 8) Durante três meses Paulo freqüentou a sinagoga onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus. 9) Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos, passando a discorrer diariamente na escola de Tirano. 10) Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos. 11) E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, 12) a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas e os espíritos malignos se retiravam.* Em Éfeso Paulo também seguiu seu método usual de ir primeiro à sinagoga dos judeus e fazer um empenho sincero de ganhá-los para o reino de Deus. Falou de modo ousado, sem reservas, de modo totalmente destemido. Seguiu por três meses este curso de levar os argumentos mais sadios, os pontos mais persuasivos sobre o reino de Deus. Pregou este reino, o fato que Deus quer que todas as pessoas entrem nele por meio da fé. Dedicou toda sua força para ganhá-los para o Senhor. Mas, apesar de todo seu empenho, alguns dos ouvintes se endureceram. Gradualmente, dia após dia, se tornaram mais obstinados, mais positivos em sua recusa de aceitar a mensagem do evangelho, 2. Co. 2. 16. Finalmente, de modo público admitiram sua incredulidade e ultrajaram o caminho do Senhor, a doutrina e prática do cristianismo, diante de toda a assembléia que se reuniu para o culto na sinagoga. Cf. cap. 18. 6. Este comportamento ingrato e blasfemo finalmente induziu Paulo a fazer duas coisas. Quanto a si, renunciou toda comunhão com a sinagoga, e separou todos os discípulos dos membros da congregação judaica, com quem até então haviam compartilhado no culto. E agora, em vez de se encontrar com os cristãos somente uma vez, ou, se muito, três vezes por semana, Paulo podia realizar serviços diários. Tomou os passos necessários para poder usar a sala de conferência de um certo Tirano, provavelmente um professor público de filosofia ou de

²²⁾ 76) Pieper, *Christliche Dogmatik, II*, 338; *Syn. Ber.*, Minn. Distr., 1912, 36.

²³⁾ 77) Stoeckhardt, *Biblische Geschichte des Neuen Testaments*, 387, 388.

retórica. O tempo para os serviços divinos facilmente podia ser fixado para que todos fossem capazes para estarem presentes e ainda trazer muitos outros para a pregação do evangelho. E este plano se mostrou tão satisfatório que, sem qualquer interrupção, foi seguido pelo espaço de dois anos. Os efeitos dum trabalho tão intenso, sob a liderança de um trabalhador tão vigoroso, foram proporcionalmente gratificantes. Não só a própria cidade de Éfeso, mas todos os habitantes da Ásia proconsular, a província inteira, tanto judeus como gregos (falando de modo genérico), ouviu a palavra do Senhor. Eles, ou vieram pessoalmente até Éfeso, ou ouviram a palavra dos muitos discípulos que saíram desta cidade. Mas tarde, como fruto deste grande esforço missionário, temos sete igrejas na Ásia, Ap. 1. 4, que todas estão dentro do território de Éfeso. O efeito da pregação de Paulo foi grandemente realçado pelo fato que o Senhor testificou por meio de manifestações especiais de seu poder em seu favor. Realizou milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, sinais que eram incomuns, mesmo naqueles tempos de feitos assombrosos. Quando o próprio apóstolo não podia vir, as pessoas tomaram seus sudários, ou lenços, e pequenos aventais, aqueles com que se cingia numa forma de faixas curtas, vestes que haviam entrado em contacto com sua pele, e as trouxeram aos enfermos, sendo o resultado que as enfermidades os deixavam, e que os maus espíritos saíam, o que é um modo enfático para descrever a cura completa de quaisquer aflições. Todas estas pessoas depositaram sua fé no Senhor, cujo servo Paulo foi, e por isso recebeu esta prova do poder do Senhor. Notemos que Lucas também aqui faz uma distinção entre doença e possessão demoníaca.

O encontro com os exorcistas: *V. 13) E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega. 14) Os que faziam isto eram sete filhos de um judeu chamado Ceva, sumo sacerdote. 15) Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? 16) E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa. 17) Chegou este fato ao conhecimento de todos, assim judeus como gregos, habitantes de Éfeso; veio temor sobre todos eles e o nome do Senhor Jesus era engrandecido.* O sucesso de Paulo na expulsão de demônios fez grande impressão sobre alguns judeus exorcistas que naquele tempo estiveram em Éfeso. Parece que esta forma de cura de endemoninhados foi praticada por certos exorcistas andarilhos ou perambulantes, que dentavam expulsar dos espíritos maus conjurando-os em nome de algum profeta, sendo que os homens do exemplo citado foram os sete filhos dum judeu chamado Ceva, que foi o líder duma das vinte e quatro séries de sacerdotes em Jerusalém, ou esteve aparentado com a família sumo sacerdotal. No caso presente, estes homens se atreveram usar o nome do Senhor Jesus como uma fórmula mágica com a qual pudessem encantar ou para conseguir poder sobre os espíritos maus. A fórmula que eles usavam individualmente foi: Conjuro-te por Jesus a quem Paulo prega. É um estratagem e um engano do diabo usar a palavra de Deus, o nome de Deus e o nome de Jesus, para realizar seus truques sinistros e diabólicos. Isto foi um abuso do nome de Deus, um jogo criminoso e blasfemo, que eles praticaram. Mas em inesperada rapidez encontraram seu castigo. Pois o mau espírito que esteve no homem que tentaram curar, lhes respondeu que conhecia Jesus, tinha conhecimento do seu poder e sua autoridade, e que também estava informado sobre Paulo, porque alguns outros espíritos haviam experimentado o poder milagroso que ele possuía, mas quem poderiam ser eles, para usar o nome de ambos de modo tão certo? Isso foi uma expressão de sarcástico desprezo, visto que o diabo não esteve disposto a reconhecer a superioridade deles e se recusou atender sua esconjuração. Além disso, a presumida certeza deles encheu de fúria ao mau espírito. O homem cujo corpo ele controlava saltou sobre ele, qual besta enfurecida, subjugou-os com a maior facilidade (dois deles estiveram presentes nesta ocasião), e dominou-os completamente; em suas mãos foram quais crianças desamparadas. Tendo as roupas arrancadas dos corpos e estando cobertos de feridas, fugiram da casa em que haviam entrado com esta grande confiança. Em vez de retornarem em triunfo, rastejaram de volta em vergonha e desonra. E a história se tornou conhecida a todos os habitantes de Éfeso, tanto judeus como gregos, fazendo com que temor caísse sobre todos eles. Uma das conseqüências foi, que o nome do Senhor Jesus foi engrandecido, foi altamente louvado, e continuou a receber o louvor dum número crescente de discípulos. Desta forma os planos do diabo para entrar e obstruir a obra do Senhor só dá em promoção do seu reino.

Outro efeito deste evento: *V. 18) Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. 19) Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários. 20) Assim a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente.* A surra que os exorcistas receberam em consequência de seu não autorizado uso do nome de Jesus teve um bom efeito também sobre os discípulos que haviam chegado à fé, ou que se haviam juntado à congregação de Éfeso. O temor de que Jesus era mais poderoso do que todos os ídolos e demônios se espalhou para todas as regiões. Agora, a cidade de Éfeso, semelhante à maioria das grandes cidades da época, esteve tomada de bruxaria e superstição. E este aqui foi exposto de modo muito marcante, visto que o temor do castigo abriu a boca de muitos. Confessaram e declararam neste sentido abertamente suas transgressões; revelaram as fórmulas mágicas que haviam usado. E muitos daqueles que haviam praticado artes mágicas reuniram seus livros que tratavam sobre isso, e os queimaram em público, a vista de todas as pessoas. Também calcularam o preço destes livros e verificaram que chegou a cinqüenta mil peças de prata, quase trinta mil Reais. “O valor deles não dependeu tanto de seu número ou tamanho como de seu conteúdo; pois continham orientações claramente escritas para a prática de truques de prestidigitação e mágica, sendo que o comprador, após alguma prática, podia ser um prestidigitador tão habilidoso como o antigo dono.” Foi assim que a palavra do Senhor cresceu poderosamente, persuadia com uma força tão irresistível os corações das pessoas e ganhava novos convertidos. E mostrava tão grande força na mudança dos corações dos que se convertiam, que eles voluntariamente renunciaram qualquer conexão com a superstição e a bruxaria. Mesmo em nossos dias, este poder de Deus é exercido pela Palavra e mostra os mesmos resultados. A tolice das mentes perversas das pessoas, junto com o poder do reino das trevas, é impotente diante do poder de Deus em sua Palavra.

O Tumulto De Demétrio. At. 19. 21-41.

Alguns planos de Paulo: *V. 21) Cumpridas estas coisas, Paulo resolveu no seu espírito ir a Jerusalém, passando por Macedônia e Acaia, considerando: Depois de haver estado ali, importa-me ver também Roma. 22) Tendo enviado a Macedônia dois daqueles que lhe ministravam, Timóteo e Erasto, permaneceu algum tempo na Ásia.* Depois que estas coisas haviam sido alcançadas, depois que o evangelho conquistara esta grande vitória sobre as forças das trevas e sobre os corações dos homens, Paulo se dispôs, não segundo alguma noção temporal, mas sob a direção do Espírito Santo. Assim como em todos os tempos a obra da igreja está sob seu governo, assim o Espírito, naqueles tempos antigos, dirigiu os passos de seus missionários por caminhos maravilhosos, cap. 16. 6-10. Paulo planejou fazer uma viagem missionária pela Macedônia e Acaia, onde as congregações de Filipos, Tessalônica, Beréia e Corinto, e possivelmente também uma em Atenas e em certo número de outras cidades, podiam aproveitar muito bem seu conselho, encorajamento e admoestação, depois do que intentou viajar a Jerusalém. Sua vontade e desejo pessoal foram, depois de ter feito estas viagens, ver Roma, a capital de todo o império. Porque não pôde partir logo, enviou à frente dois dos seus assistentes, dois de seus homens mais jovens que o serviam enquanto aperfeiçoavam seu conhecimento de teologia, a saber, Timóteo e Erasto. Estes dois deviam dirigir-se, primeiro, para a Macedônia, mas tendo também instruções para visitar a Acaia onde deviam informar a congregação de Corinto sobre o proceder e o ensino de Paulo, 1.Co. 4. 17; 16. 10. O próprio Paulo permaneceu por mais algum tempo em Éfeso, ainda que as congregações na casa de Aquila e Priscila e outros lugares da província neste tempo já estiveram bem estabelecidas, 1. Co. 16. 19. O acréscimo desta permanência (v. 10) tornou todo o tempo de permanência em Éfeso mais próximo de três anos do que de dois, cap. 20. 31.

O discurso de Demétrio: *V. 23) 23) Por esse tempo houve grande alvoroço acerca do Caminho. 24) Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, e que dava muito lucro aos artífices, 25) convocando-os juntamente com outros da mesma profissão, disse-lhes: Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade, 26) e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e descaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. 27) Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o*

próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram. Na mesma ocasião, quando o apóstolo enviara Timóteo e Erasto adiante para Macedônia, principiou em Éfeso um não pequeno tumulto por causa do caminho que Paulo ensinou, que foi o evangelho com tudo o que ele incluía. Pois na cidade vivia certo homem, um trabalhador em objetos de prata, de nome Demétrio, que, como alguns pensam, foi naquele ano o chefe da corporação. Uma antiga inscrição até torna possível que ele foi, naquela época, o presidente do conselho de magistrados da cidade. Os trabalhadores em prata de Éfeso, daquela época, exerciam um negócio lucrativo com a venda de pequenos modelos de nichos da deusa Diana, do grande templo dos efésios, como lembranças. Este templo foi uma das sete maravilhas do mundo antigo, tendo o tamanho de 142 metros por 74, e sendo gloriosamente linda com suas colunas de mármore branco que suportavam o telhado. Diz-se que algumas das colunas de pórfiro que agora estão na Santa Sofia em Constantinopla foram retiradas dela. “O templo, acima de tudo, foi venerado pelo oeste da Ásia Menor. A cada ano vinham muitos peregrinos a ele, sendo que os prateiros de Éfeso vendiam a estes pequenas réplicas do templo. Foi, porque o cristianismo se tornou tão popular pela pregação de Paulo a ponto de interferir na venda lucrativa destes nichos, que o tumulto ocorreu em Éfeso.”²⁴⁾ “Estes ‘nichos’ não foram simples estatuetas da deusa, mas, provavelmente, representações em miniatura do nicho do templo que, em certas ocasiões, foram dedicadas como ofertas votivas para a própria deusa, que, sem dúvida, às vezes eram guardadas nos lares, ou colocadas nos túmulos ao lado dos mortos.”²⁵⁾ Este negócio, naturalmente, trouxe muito dinheiro aos prateiros, e foi natural que tudo, que tendia para interferir neste negócio e tocar os artífices em seu ponto mais sensível que é o rendimento, foi denunciado com a maior indignação. O discurso de Demétrio aos artífices colegas, os quais convocara para uma reunião formal, expressa de modo muito franco a acusação, a saber, que Paulo estava ferindo seu negócio, e que interferia no culto a Diana. Sabiam que seu negócio lhes concedera uma vida muito confortável. Mas agora tinham diariamente diante de seus olhos e ouviam que a atividade deste homem, chamado Paulo, já não se limitava à cidade de Éfeso, mas que ele, em quase toda a província da Ásia, persuadira e desviara grandes multidões da antiga forma de adoração, porque ele disse que não eram deuses aquelas figuras feitas pelas mãos de homens. Este testemunho da boca dum dos inimigos, ainda que deva ser um pouco diminuído como um exagero que teve o objetivo de impressionar, pinta ainda assim um quadro impressionante do sucesso das atividades de Paulo. Se o volume do negócio se reduzira a ponto de todos os membros da arte sentirem os efeitos, então o número de convertidos ao cristianismo deve ter sido muito grande, junto com a influência moral que sua desaprovação expressa ou implícita teve. Demétrio, porém, coloca sua ênfase na segunda acusação. Ele sugere que a perda de lucro ainda podia ser suportada, ou seja, que o prejuízo que ameaçava este ramo de seu comércio, colocando-o em desprezo, não era o aspecto mais sério da situação, mas ele insiste, como sua verdadeira queixa, que o santuário da grande deusa Ártemis (Diana) podia cair em má reputação, já não recebendo mais consideração, e que ela, até, podia ser deposta de sua magnificência, e que sua majestade, glória e louvor fossem minorados, ainda que, como o orador destaca, a Ásia toda e o mundo inteiro a adorassem. Tanto os gregos como os romanos reverenciavam muitíssimo esta deusa, e ainda que só o povo da Ásia Menor fazia peregrinações regulares a este templo, ela era conhecida em cada parte do mundo civilizado, sendo-lhe da devida honra que o gentio em geral dava aos deuses sobre os quais recebia instrução. A fala de Demétrio foi a de um esperto demagogo, que soube muito bem jogar com as emoções do povo quando tocou em seus pontos mais sensíveis: o amor ao dinheiro e a superstição religiosa.

O efeito do discurso: *V. 28) Ouvindo isto, encheram-se de furor, e clamavam: Grande é a Diana dos efésios! 29) Foi a cidade tomada de confusão, e todos à uma arremeteram para o teatro, arrebatando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo. 30) Querendo este apresentar-se ao povo, não lhe permitiram os discípulos. 31) Também asiarcas, que eram amigos de Paulo, mandaram rogar-lhe que não se arriscasse indo ao teatro. 32) Uns, pois, gritavam de uma forma, outros, de outra; porque a assembleia caíra em confusão. E na sua maior parte nem sabiam por que motivo estavam reunidos. 33) Então tiraram Alexandre dentre*

²⁴⁾ 78) Barton, *Archeology and the Bible*, 223.

²⁵⁾ 79) Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 479.

a multidão, impelindo-o os judeus para frente. Este, acenando com a mão, queria falar ao povo. 34) Quando, porém, reconheceram que ele era judeu, todos a uma voz gritaram por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios! Se Demétrio teve o desejo de acender um fogo, então, certamente, um sucesso que excedeu sua própria imaginação. Logo que concluíra seu discurso alguns da associação ou algumas outras pessoas na audiência cunharam uma frase atraente que acertou a imaginação do povo: Grande é Ártemis dos efésios! E, tomados de ira como estiveram, os demais pegaram o grito e o espalharam pela rua. Num tempo menor do que se pode empregar para o expressar, a perturbação se espalhou por todos os bairros. Encheu a cidade, e ia e vinha de um lado para o outro, semelhante a vários líquidos que, derramados juntos, não conseguem se acomodar. Porque as ruas eram estreitas demais para uma demonstração de violência popular, tanto agitadores como multidão tiveram ao mesmo tempo a idéia e correram para o grande teatro, que foi talvez o maior do mundo, sendo seu diâmetro 165 metros e sua capacidade 24.500 pessoas. Mas no caminho, em sua louca corrida, conseguiram agarrar e arrastar consigo dois companheiros hóspedes de Paulo, os macedônios Gaio e Aristarco. O último também é citado em outras passagens como um natural da Macedônia, da cidade de Tessalônica, cap. 20. 4; 27. 2. É provável que estes dois homens, aqui mencionados como auxiliares de Paulo, foram delegados da congregação de Tessalônica que com Paulo levaram a contribuição para a congregação de Jerusalém. Estando estes homens fiéis em perigo de vida, Paulo teve a firme resolução de sair e enfrentar a turba furiosa, com o fim de protegê-los com sua própria vida; mas os membros da congregação não o permitiram. Sua aparência diante da turba enfurecida naquela hora teria sido qual pano vermelho, e conforme todas as possibilidades, nada teria alcançado. E os discípulos foram apoiados neste esforço por alguns dos homens da liderança da cidade, chamados os asiarcas, que foram os principais sacerdotes do Império Romano nas províncias, cujos encargos incluíam também providenciar jogos para o povo. Alguns destes homens influentes foram inegavelmente amistosos para com Paulo, como o mostra este ato de amabilidade, visto que se deram o trabalho de enviar-lhe e sinceramente pedir a não se atrever ir ao teatro. Enquanto isto os membros da turba se excitaram a um sutil frenesi, pois continuaram a gritar, uns uma coisa e outros, outra. Não houve unidade de pensamento e nem de liderança: foi um ajuntamento ilegítimo e tumultuado, derramado junto como líquidos que não se querem misturar corretamente. E, como sempre, quando um povo, uma plebe, explode numa ocasião assim, então a maioria das pessoas não teve qualquer idéia sobre o por que realmente se reuniram. Foi então que os judeus da cidade, temendo que a fúria da turba também se poderia voltar contra eles, visto que Paulo era judeu, e visto que eles mesmos eram contrários à idolatria, tentaram que um dentre eles, um homem de nome Alexandre, expusesse a situação à multidão amotinada. O homem tentou seguir as orientações que recebera quando os judeus o empurraram para frente. Mas, logo que este levantou a mão, mostrando ao povo que queria falar, e, neste caso, sustentar um discurso de defesa, então se espalhou a notícia que ele era judeu. Se todos podiam enxergar o suficientemente distinto para identificar suas roupas e características, ou se os que estiveram mais próximos da arena ou do palco repassaram a palavra, fato é que a multidão toda da enfurecida plebe, a uma voz, como o urro de algum monstro furioso, apanhou a frase que lhe agradou do modo como um dos prateiros a havia bradado: Grande é Ártemis dos efésios! Foi uma demonstração selvagem duma plebe sem lei, mas também um divertimento comparativamente inofensivo, nisso, que satisfizesse sua idéia de adoração sem prejudicar a alguém. Por isso as autoridades da cidade não intervieram visto que qualquer oposição teria provocado a plebe a atos de violência. Evidentemente estiveram bem versados na psicologia dum populacho e esperaram pelo momento oportuno.

O fim do tumulto: V. 35) O escrivão da cidade, tendo apaziguado o povo, disse: Senhores, efésios: Quem, porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana, e da imagem que caiu de Júpiter? 36) Ora, não podendo isto ser contradito, convém que vos mantenhais calmos e nada façais precipitadamente; 37) porque estes homens que aqui trouxestes não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa. 38) Portanto, se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônules; que se acusem uns aos outros. 39) Mas se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembléia regular. 40) Porque também corremos perigo de que por hoje sejamos acusados de sedição, não havendo motivo algum que possamos alegar para justificar este

ajuntamento. E, havendo dito isto, dissolveu a assembléia. Como duas horas de contínuo berrar, a fúria da plebe se consumiu, seus participantes estiveram exaustos. E agora o secretário da cidade não teve dificuldade para aquietar o povo. “Ele foi a pessoa mais influente de Éfeso, pois não só os decretos a serem propostos eram elaborados por ele e os *Strategoí* (os magistrados), e o dinheiro legado à cidade foi confiado ao cuidado dele, mas como o poder da *Ecclesia* que era a assembléia pública diminuiu sob o regime imperial, a importância do ofício do secretário foi aumentado, porque ele esteve em contacto mais íntimo com a corte de justiça do procônsul do que os outros magistrados da cidade, e atuava como um meio de comunicação entre o governo imperial e o municipal.”²⁶⁾ Dirigindo-se à assembléia como cidadãos de Éfeso, pergunta se realmente há alguma pessoa que não sabe que a cidade de Éfeso é o guarda do templo da grande Ártemis e da imagem que caiu do céu. A imagem de Ártemis a Frutífera, uma figura que representava a deusa como a doadora e sustentadora da vida, foi dito que caiu do espaço, tendo sido lançada do trono de Zeus, ou Júpiter, que era seu deus maior. O orador descreve estas coisas como sendo fatos, como manifestas, como impossíveis de serem mudadas por qualquer pessoa, claro, com a implicação de que não houve qualquer necessidade para toda esta agitação, visto que tudo quanto haviam dito sobre sua deusa já era reconhecido universalmente. Agora, argumentou ele, visto que todas estas coisas não podiam ser contestadas, visto que ninguém atacara publicamente estas afirmações, a tarefa óbvia de cada um dos presentes foi calar e não fazer nada de modo brusco. Quanto a Gaio e a Aristarco, os dois homens que haviam acusado indiretamente, ainda que não haviam trazido uma acusação direta contra eles, não eram nem assaltantes do templo, e nem haviam blasfemado a deusa deles. O orador ignora aqui a verdadeira acusação contra os discípulos, a de negarem que imagens feitas pelas mãos eram deuses. Ele não disse toda a verdade, não estando talvez nem mesmo familiarizado com ela, mas simplesmente julgou o caso assim como ele o enxergara. Paulo e seus companheiros jamais derrubaram e destruíram imagens gentias, como o fizeram posteriores missionários fanáticos e os iconoclastas, nem tentaram vencer por meio do abuso e do escarcéu, mas simplesmente ensinaram a verdade e tentaram convencer os gentios sobre a inutilidade de seus ídolos. Por isso, se Demétrio e seus colegas artífices sentirem algo contra alguém, que saibam que naquele mesmo momento se realizavam as reuniões da comissão jurídica, eram realizadas as sessões da corte e os juízes estavam presentes, e procônsul estavam em suas atribuições. Por isso que tragam sua acusação. Estas regras simples, que devem prevalecer num estado bem organizado, precisam ser seguidas, e então haverá justiça para todos. Todavia, se a assembléia desejou qualquer resolução sobre a conduta futura de cidadãos ou de pessoas que moravam na cidade, então estas coisas deviam ser decididas numa reunião oficial, convocada de modo legítimo e autorizada para resolvê-lo, não cabendo a presente reunião sob este tópico. Finalmente lembrou o povo das possíveis conseqüências de seus atos tolos. Todos eles estavam no perigo de serem chamados a prestar contas sobre o tumulto desse dia, que era algo sério, visto que não podiam ser capazes de provar qualquer motivo para este tumulto. E o que coroou esta diplomacia cuidadosa foi a atitude do secretário de despedir a assembléia. As palavras são a forma usual de despedir, tendo sido feito pelo moderador uma proposta de encerrar que foi corretamente aprovada pela assembléia. Este ardil podia conceder um aspecto legal à assembléia e podia cooperar para defender o povo se houvesse uma investigação. Este foi, por isso, um esquema esperto do secretário tanto para tornar o povo intimamente ainda mais envergonhado sobre si mesmo, como fazê-lo sentir-se grato a ele por tê-lo conservado fora de maiores dificuldades. Notemos: O tumulto de Éfeso tem seus paralelos na história contemporânea da igreja. Os verdadeiros pregadores do evangelho não são assaltantes de igrejas, não são iconoclastas, não são insensíveis blasfemadores; mas a tarefa deles é mostrar aos gentios dos nossos dias a inutilidade dos ídolos modernos, das concupiscências da carne, as concupiscências dos olhos e a soberba da vida. E esta posição é amargamente ressentida por aqueles que sentem sua culpa. Sempre que têm alguma oportunidade, por isso, incitam pessoas imprevidentes contra a igreja. Os dias das arruaças evidentemente ainda não estão no passado. Contudo, visto que uma turba enfurecida nunca tem razão, os cristãos esperarão sossegados e colocar sua causa nas mãos de Deus até que novamente possam confessar a Palavra e edificar o reino do Senhor. O Cristo exaltado vela

²⁶⁾ 80) *Expositor's Greek Testament*, II, 416.

sobre os seus em meio a todos os perigos.

Resumo: Paulo atua em Éfeso por quase três anos com grande sucesso, ainda que os oponentes tentam prejudicar a causa de Cristo incitando um tumulto.

Capítulo 20

A Viagem Para A Macedônia E De Volta A Mileto. At. 20. 1-16.

A segunda visita para a Macedônia e a Grécia: *V. 1) Cessando o tumulto, Paulo mandou chamar os discípulos e, tendo-os confortado, despediu-se e partiu para a Macedônia. 2) Havendo atravessado aquelas terras, fortalecendo-os com muitas exortações, dirigiu-se para a Grécia, 3) onde se demorou três meses. Tendo havido uma conspiração por parte dos judeus contra ele, quando estava para embarcar rumo à Síria, determinou voltar pela Macedônia. 4) Acompanharam-no até à Ásia Sópatro de Beréia, filho de Pirro; Aristarco e Secundo, de Tessalônica; Gaio de Derbe, e Timóteo; bem como Tiquico e Trófimo, da Ásia; 5) estes nos precederam, esperando-nos em Trôade.* Paulo teve o propósito de viajar para a Macedônia e a Acaia, cap. 19. 21. Não está no texto, se o tumulto da cidade exteriormente apressou sua partida, ou se o trabalho do Senhor em Éfeso chegara a uma pausa ou se, até, recebeu um sério contratempo, 1.Co. 16. 8, 9. No tumulto nenhum dos discípulos fora prejudicado, e o discurso do secretário da cidade certamente precisa ser considerado, antes de tudo, como favorável, ainda que de modo negativo. Depois que o tumulto cessou, depois que a última exaltação provocada pelo tumulto se extinguiu, o que pode ter levado dias e mesmo semanas, Paulo decidiu que para ele chegara o tempo de partir. Por isso convocou uma reunião especial de todos os discípulos de Éfeso, pois, além da de Aqüila e Priscila, deve ter havido outras congregações nas casas, 1. Co. 16. 19. Deu-lhes neste último ato religioso um discurso de despedida contendo admoestação e encorajamento; então se despediu deles na forma usual de saudar e começou sua viagem para a Macedônia. Subindo o Mar Egeu atracou em Trôade, onde teve a esperança de encontrar Tito, 2. Co. 2. 12, 13. Mas, visto que não o encontrou, não perdeu tempo em prosseguir para a Macedônia. Aqui fez suas jornadas missionárias em seu modo costumeiro, visitando todos os lugares em que haviam sido estabelecidas congregações, como Filipos, Tessalônica e Beréia. Em todas estas cidades suas palavras de encorajamento e admoestação, que foram muitas, tiveram a força de firmar os irmãos na fé e no cristianismo sadio. Ele, até, estendeu sua viagem até os limites do Ilírico, a oeste da Macedônia, Rm. 15. 19. Mas então se voltou para o sul para a Grécia, ou Acaia, onde seu objetivo principal foi a congregação de Corinto, onde houve dificuldades que exigiram sua atenção. Aqui permaneceu por três meses, querendo, depois disso, viajar diretamente para a Síria. Provavelmente não foi neste tempo que ele escreveu a carta aos gálatas e a para os romanos. Mas seus planos foram estragados pela oposição dos judeus, que tentaram contra sua vida, talvez esperando por ele em Cencrêia ou ajustando assassinos para matá-lo dentro do navio. Por isso Paulo, rapidamente, mudou de idéia e seus planos e viajou por terra pela Macedônia, para embarcar nalgum de seus portos. Ele não esteve a sós nesta viagem, mas certo número de companheiros, dos quais seis viajaram com ele por todo o trajeto, tendo Lucas se juntado em Filipos como sétimo, enquanto dois foram à frente para o esperar em Trôade. Estiveram com ele Sópatro ou Sópatro Pirro de Beréia, Aristarco e Secundo de Tessalônica, Caio de Derbe e Timóteo de Listra, e Lucas de Filipos, e, finalmente, Tiquico e Trófimo que ambos eram provavelmente de Éfeso. Como o explica certo comentarista, a descoberta da trama dos judeus alterou o plano de Paulo, e isto na última hora, quando já se haviam reunido delegados de várias congregações. Os delegados europeus quiseram viajar de Corinto por água com Paulo, os asiáticos de Éfeso, mas estes últimos, tendo recebido notícia da mudança de planos, foram até Trôade para esperar os demais, e os acompanharam no resto do caminho. Notemos: Em todos estes relatos aparece o relacionamento terno entre Paulo e as congregações cristãs, que é um excelente exemplo para nossos dias de indiferentismo e egoísmo.

Paulo em Trôade: *V. 6) Depois dos dias dos pães asmos, navegamos de Filipos e, em cinco dias, fomos ter com eles naquele porto, onde passamos uma semana. 7) No primeiro dia*

da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo que devia seguir de viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite. 8) Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos. 9) Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormecendo profundamente durante o prolongado discurso de Paulo, vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo, e foi levantado morto. 10) Descendo, porém, Paulo inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a vida nele está. 11) Subindo de novo, partiu o pão e comeu, e ainda lhes falou largamente até ao romper da alva. E assim partiu. 12) Então conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortados. Paulo e seus companheiros das congregações da Europa, inclusive Lucas, celebraram a páscoa em Filipos. Depois da festa navegaram do porto de Neápolis, mas por causa de ventos contrários não alcançaram Trôade se não só no quinto dia, enquanto que com ventos favoráveis a viagem podia ser feita em dois, cap. 16. 11, 12. Agora estavam reunidos em Trôade todos os delegados que deviam representar as várias congregações em Jerusalém, entregando a coleta que Paulo havia mandado fazer. Aqui Paulo se aproveitou da “porta aberta” da qual fala em outro lugar, 2. Co. 2. 12, permanecendo na cidade o tempo que lhe foi possível sem colocar em perigo seus planos quanto ao tempo de chegar em Jerusalém. No primeiro dia depois do sábado, no primeiro dia da semana, reuniram-se os discípulos para um culto, a saber, para partir o pão, para celebrar a santa comunhão. Temos aqui o primeiro relato confiável da escolha do domingo como o dia de culto. Porque a fé dos cristãos se baseia sobre a ressurreição do Senhor, eles escolheram este dia, não por obrigação ou por mandato divino, mas para ouvir a palavra de Deus e participar do santo sacramento. Foi um culto vespertino, visto que Paulo queria partir de manhã cedo. O próprio Paulo se dirigiu à congregação num longo sermão didático, prolongando sua saudação até a meia-noite. Tinha o desejo de dar a seus discípulos todas as instruções e admoestações possíveis, enquanto ainda com eles. Lucas relata que tinham muitas lâmpadas no cenáculo da casa que lhes serviu como lugar de culto, não com o intuito de prevenir contra a suspeição de quaisquer práticas pecaminosas entre os cristãos, mas simplesmente como uma descrição vigorosa, e, em parte, por causa da sonolência do jovem, a quem as muitas lâmpadas, com sua chama tremulante, sem dúvida tornaram sonolento, da mesma forma como seu esforço para acompanhar de perto as palavras de Paulo. O jovem, cujo nome foi Êutico, escolhera o peitoril da janela como assento onde aos poucos foi derrotado, vencido, pelo sono. Parece que ninguém o notou até que foi demasiado tarde. Pois seu sono finalmente se tornou tão firme que perdeu o equilíbrio e caiu da janela do terceiro andar sobre o pavimento abaixo. Tendo o ruído despertado a atenção da assembléia sobre o incidente, desceram apressados, mas só para levantar um jovem morto. Paulo, porém, que também descera, estendeu-se sobre ele e o segurou firme ao calor de seu corpo. Após isso disse aos irmãos preocupados que não fizessem qualquer gritaria, visto que agora a alma estava nele. Foi um milagre de trazer uma pessoa morte à vida, que foi muito semelhante ao do filho da sunamita, 2. Rs. 4. 33-35. Depois Paulo retornou à sala de reunião, celebrou a santa comunhão com os irmãos e aparentemente também a festa que era celebrada pelos antigos cristãos em ligação com o sacramento. Depois do encerramento do culto regular, o apóstolo ainda falou de forma mais informal aos discípulos reunidos, explicando-lhes muitos pontos sobre os quais necessitavam informação. A reunião durou até o alvorecer do dia seguinte, quando Paulo continuou sua viagem rumo ao sul. Mas os discípulos de Trôade trouxeram o moço vivo e sadio, e se encheram de grande consolo e vigor na fé. Compreenderam que foi o poder de Deus em Paulo que realizou este milagre, e, por isso, que esta obra testificou em favor da verdade da pregação de Paulo. A mesma doutrina é a base da fé de cada cristão até o dia de hoje.

De Trôade para Mileto: *V.* 13) Nós, porém, prosseguindo, embarcamos e navegamos para Assôs, onde devíamos receber a Paulo, porque assim nos fora determinado, devendo ele ir por terra. 14) Quando se reuniu conosco em Assôs, recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene; 15) dali, navegando, no dia seguinte passamos defronte de Quios, no imediato tocamos em Samos e, um dia depois, chegamos a Mileto. 16) Porque Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso, não querendo demorar-se na Ásia, porquanto se apressava com o intuito de passar o dia de Pentecoste em Jerusalém, caso lhe fosse possível. Os companheiros de Paulo desceram até o navio e embarcaram sem ele, navegando até a cidade de Assôs no Golfo Adramantino. Por água a distância é cerca de 72 quilômetros, enquanto a viagem por terra é somente metade disso. Paulo o ordenara assim, querendo ele fazer o trajeto a pé e que eles o

recebessem a bordo, o apanhassem ao entardecer ou no dia seguinte. Paulo esteve cansado por causa de seu trabalho e por causa da agitação das semanas passadas, sem falar da constante ameaça causado pelo ódio dos judeus. Por isso, uma caminhada pequena, mesmo que ela foi realizada após uma noite sem sono, lhe daria a oportunidade de estar a sós em oração com o Senhor, além de oferecer-lhe a distração do constante mudar da sena ao longo da estrada, o que lhe foi um alívio para o corpo e a alma. Notemos: Há aqui muito espaço para meditações para aqueles que sabem ler nas entrelinhas, quanto aos fardos carregados por um pregador fiel como quanto à necessidade para o isolamento e a recreação em certas ocasiões. Quando Paulo se havia juntado a seus companheiros no navio em Assôs, no mesmo entardecer ou na manhã seguinte, e por eles fora apanhado a bordo, foram para Mitilene, um ancoradouro na costa leste da ilha de Lesbos, onde ancoraram para passar a noite, visto que o canal era um tanto perigoso para se navegar na escuridão. No dia seguinte fizeram bom progresso, sendo capazes de alcançar um ponto perto do continente no lado oposto à ilha de Quios, onde ancoraram para passar a noite. A próxima parada foi a ilha de Samos, ao sul do Golfo Caistriano (?) e a sudoeste de Éfeso. Para alcançar a ilha, navegaram diretamente através do golfo e assim não aportaram em Éfeso. De Samos cruzaram para a terra firme, havendo alguma demora em Trogilio (?), provavelmente para carregar ou descarregar alguma parte da carga. Dali a corrida foi curta até Mileto, o porto junto à boca de Meandro, uma cidade populosa e importante, com um vasto comércio interior, onde o navio devia ficar por vários dias. A viagem de Trôade até Mileto desta forma tomou desde a manhã de segunda-feira até a noite de sábado. E Paulo não usou a ocasião para escalonar e tomar um navio costeiro para Éfeso, pois decidira não parar ali na viagem, o que lhe poderia causar a frustração de sua razão maior. Sua pressa se deveu ao fato que queria estar em Jerusalém para a festa de Pentecoste. Este plano lhe deixou mal e mal sete semanas desde o tempo que partiu de Filipos, sendo que delas já se haviam ido três.

Paulo E Os Anciãos De Éfeso. At. 20. 17-38.

Paulo fala aos anciãos de Éfeso: *V. 17) De Mileto mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja. 18) E, quando se encontraram com ele, disse-lhes: Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, 19) servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; 20) jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, 21) testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.* Mileto se localizava a uns 54 quilômetros de Éfeso, e se ligava à capital por meio duma boa estrada romana. Por isso logo que Paulo descobriu que o navio ficaria por alguns dias, enviou uma mensagem para Éfeso, pedindo insistentemente que viessem os anciãos da igreja. A congregação de Éfeso, onde Paulo trabalhara por tanto tempo, lhe era especialmente cara, por isso não pôde permitir que esta chance lhe passasse ao largo. E quando os anciãos vieram vê-lo, ele lhes falou em palavras de terna despedida. Antes de tudo, deu-lhes uma breve resumo de suas atividades em sua cidade. Desde o dia em que pôs o pé em sua província e durante toda sua permanência, fora sua preocupação buscar o bem-estar espiritual e temporal deles. Realizara seu trabalho como um servo fiel do Senhor buscando, na humildade total dum tal servo, só o interesse dele. Sua atitude não fora de apatia, mas ele fora tomado de sincera tristeza pelos irmãos e pelo mundo, o que mesmo se manifestou em lágrimas. Seu trabalho fora realizado em meio a tentações que o rodearam, que de todos os lados vieram contra ele por causa e nas conspirações dos judeus. A oposição deles não se limitara a uma irrupção ocasional de maldade, mas sempre o acompanhou, tendo sempre a intenção de cansá-lo no trabalho do Senhor. Mas, apesar de todas e outras dificuldades, ele não moderara no ensino, como o teria feito um covarde, mas lhes proclamara de modo franco e imparcial tudo quanto lhes podia ser valioso e proveitoso. Renunciar as afirmações claras da verdade por causa de seu próprio bem-estar, via de regra, é um sinal de indignidade para um ministro, e invariavelmente sempre prejudica a congregação. Paulo, porém, ensinara, publicamente perante a congregação reunida e em particular em visitas de casa em casa, as coisas proveitosas para a salvação dos efésios. Sem empenho constante fora sem uma testemunha destemida e valorosa tanto perante judeus como gregos do arrependimento voltado a Deus e a fé em seu comum Salvador Jesus Cristo. Este é, em breve, o

conteúdo de toda pregação cristã, a saber, que todas as pessoas, todos os pecadores, reconheçam seus pecados e deles se voltem ao Deus de sua salvação, aceitando a completa expiação e redenção de Cristo pela fé neste seu Salvador. “Arrependimento não é nada outro do que reconhecer de verdade o pecado, estar intimamente triste por ele, e deixar dele; conhecimento que vem da lei, mas que não é suficiente para uma conversão salvadora a Deus, se não lhe é juntada a fé em Cristo, cujo mérito a pregação consoladora do evangelho oferece a todos os pecadores arrependidos que estão aterrorizados pela pregação da lei.”²⁷⁾

Paulo adverte sobre vindoura aflição: *V. 22) E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, 23) senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações. 24) Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus. 25) Agora eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto. 26) Portanto eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; 27) porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus.* Em todo discurso de Paulo há um traço de inexprimível tristeza, e aqui é dada a razão desta nota melancólica. Ainda que o próprio Paulo não recebera uma revelação expressa, outros haviam profetizado sobre a conseqüência da presente viagem. Sentiu-se impulsionado, compelido no Espírito, que dirigiu seus passos em mais do que numa ocasião. Teria sido um ato de frontal desobediência da sua parte não subir para Jerusalém. Não tivera informação definida quanto às coisas que nessa cidade lhe iriam acontecer, que o poderiam atingir para o prejudicar, mas o Espírito Santo, em cada cidade que passara recentemente, testificara claramente que o esperavam grilhões, correntes, e, por isso, também aflição. Quanto perto chegava a Jerusalém, tanto mais explícitas se tornavam as profecias, cap. 21. 11. Paulo, a cada passo em sua viagem, foi advertido e guiado, e incidentalmente seu espírito se encheu de consolo e coragem do alto. Não julgou sua vida digna de qualquer menção, ou como uma vida que lhe foi pessoalmente preciosa. Assim como sempre subordinara sua vida, suas habilidades, seus talentos e suas ambições sob a vontade do Senhor, assim também agora ele só teve um pensamento, a saber, findar sua carreira, o serviço que recebera do Senhor Jesus, que era ser incansável no testemunho dele, testemunhar o evangelho da graça de Deus. Este serviço, este ministério, fora confiado pelo próprio Jesus a Paulo, cap. 9. 6, 15; Gl. 1. 1; Tt. 1. 3. Graça pressupõe culpa, e por isso Paulo não fora fraco na proclamação da lei, mas sua maior alegria sempre foi provar o evangelho da graça de Deus em Cristo Jesus, para conduzir pecadores à misericórdia de seu Salvador. O mesmo espírito dum servir alegre e disposto precisa ser em cada verdadeiro servo do Senhor a força propulsora, esteja ele engajado na obra do ministério formal ou não. Paulo enfatizara tudo isto mais uma vez, porque sua convicção pessoal foi, baseado sobre as profecias que ouvira recentemente, que todos eles que agora estavam reunidos diante dele, entre os quais ele viajara com a proclamação do reino de Deus, não mais veriam seu rosto. Todos os indícios apontavam nesta direção e tornavam muito ansioso e apreensivo. Por este o caso, Paulo pediu aos presentes que naquele dia e hora solene fossem testemunhas diante de Deus, que ele estava limpo do sangue deles, que nem mesmo um só deles podia exigir sua alma das mãos do apóstolo por causa da falta de cuidado pastoral; pois ele não retivera, não recuara diante da proclamação de todo o conselho de Deus a eles, ou seja, do conselho da redenção e da graça. “Nenhuma epístola ultrapassa aquela para os efésios em riqueza de pensamentos, e em sua concepção dum propósito divino que percorre todas as eras; nenhuma epístola insiste mais sobre a concepção da igreja como sendo o corpo de Cristo, ou exorta de modo mais tocante à diligência em guardar a unidade do espírito, ou insiste de modo mais prático sobre o poder santificante do um só Espírito e o senso duma participação divina em cada esfera da vida humana. O ensino rico e pleno da epístola é dirigido a pessoas que são capazes de entender o conhecimento do apóstolo do mistério de Cristo; em outras palavras, àqueles a que anunciara de modo mais pleno do que a outros o conselho de Deus.”²⁸⁾

A tarefa especial dos anciãos: *V. 28) Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele*

²⁷⁾ 81) *Form. Conc. Mueller, 634.*

²⁸⁾ 82) *Expositor's Greek Testament, II, 434.*

comprou com o seu próprio sangue. 29) Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho. 30) E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. 31) Portanto, vigiai, lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas a cada um. Os anciãos de Éfeso, com o exemplo do apóstolo diante deles, e com seu desafio a soar-lhes nos ouvidos, deviam prestar atenção, cuidar de perto, deviam velar sobre si mesmos. Ele, a propósito, coloca este cuidado em primeiro lugar, como o que deve preceder ao cuidado do rebanho. Pois, tão somente por meio duma constante vigilância sobre si mesmos, também seriam capazes de cuidar de modo correto do rebanho que é a congregação, que tinha a necessidade duma alimentação apropriada e da mais fiel assistência. Pois são ainda membros do rebanho, ainda que o Espírito Santo os colocou como supervisores dentro do rebanho, com um alvo e propósito, a saber, alimentar e acalentar a congregação, que é a igreja do Senhor naquele lugar, dando-lhe o alimento espiritual em porções justas. Notemos que os anciãos aqui são saudados como bispos, ou supervisores, o que mostra que nos tempos dos apóstolos não houve diferença entre os dois ofícios, sendo os nomes usados alternadamente. Por ordem de Deus não foi estabelecida nenhuma hierarquia. É muito significativo que Paulo descreve a congregação do Senhor como sendo comprada, adquirida por compra, por meio de seu próprio sangue. “Com certeza este é um texto claro, do qual segue, sem qualquer contradição, que Cristo, nosso Senhor, por cujo sangue a igreja foi comprada, é Deus, a quem pertence a igreja. Pois ele diz claramente: É Deus, quem pelo seu sangue conseguiu a igreja e cuja propriedade a igreja é. Desde agora, como ouvimos, as pessoas são distintas, e ainda está escrito aqui que o próprio Deus comprou a igreja pelo seu sangue, por isso com grande força segue a conclusão que Deus tem seu próprio sangue o qual ele derramou pela sua igreja, isto é, que Cristo, nosso Salvador, é verdadeiro Deus, nascido do Pai desde a eternidade, depois também pela Virgem Maria se tornou e nasceu homem.”²⁹⁾ Por isso, sendo a responsabilidade tão grande, precisando dar contas de almas tão preciosas, veio com ênfase dobrada a advertência de Paulo contra dois perigos que sua visão profética pôde prever. Ele soube que depois de sua partida deles, num futuro não muito distante, de fora penetrariam lobos atroz, vorazes e ferozes no rebanho, que seriam falsos mestres que não teriam pena do rebanho, mas que usariam de todos os modos para desunir a congregação, para destruir as almas pela tentação de persuadi-los para aceitar doutrina falsa. Além deles haveria em seu próprio meio pessoas facciosas, pessoas do seu próprio grupo de membros, pessoas que, sem serem chamadas e sem autorização, se ergueriam e se constituiriam em mestres, trazendo uma doutrina cheia de assuntos perversos e anticristãos, tornando-se eles com isto culpados de apostasia da verdade e da verdadeira igreja de Cristo. Com estes dois perigos assomando perante eles, os anciãos de Éfeso deviam vigiar, estar a postos, exercendo constante vigilância, lembrando sempre que Paulo, por espaço de três anos, em números redondos, não cessara noite e dia para admoestar com lágrimas a cada um deles individualmente. Por isso sua fidelidade devia servir-lhes como um incentivo contínuo em toda a obra de seu responsável ofício. Notemos: Até ao dia de hoje é o Espírito Santo quem concede às congregações os mestres do evangelho. Pois, mesmo que não chame imediatamente, ele, ainda assim, usa as congregações como seus instrumentos e conduz os negócios de sua igreja; por isso as congregações também devem aceitar os pastores que escolheram neste espírito, e penhorá-los a ensinar e vigiar, tal como aqui o fez Paulo com os anciãos de Éfeso.

Palavras de despedida de Paulo: *V. 32) Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados. 33) De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; 34) vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. 35) Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar do que receber.* Paulo apresentara seu próprio exemplo aos anciãos de Éfeso, e os advertira muito seriamente contra os perigos que ameaçariam a congregação. Agora os dirige para a única fonte de coragem e força que lhes basta, encomendando-os a Deus e sua palavra, a palavra da graça, sendo a graça de Deus o conteúdo principal, o resumo do evangelho. Tendo consigo sempre o conselho e a admoestação de Deus, assim como apresentados nesta palavra, não poderiam sentir

²⁹⁾ 83) Lutero, 12. 650: *Form. Conc.*, Mueller, 546.

a falta de força em meio às adversidades. Pois esta palavra é sempre capaz de erguer, de edificar, os cristãos, e não somente para lhes prometer, mas realmente dar a herança entre todos os santificados. Na palavra de Deus as promessas de misericórdia são tão certas, tão evidentes, que não pode haver qualquer dúvida das suas glórias, como sendo a posse dos fiéis. Em conclusão, Paulo, mais uma vez, num apelo tocante e com pitoresca vividez, apresenta seu próprio exemplo aos anciãos de Éfeso. Ele não cobiçara de qualquer um deles nem a prata, nem o outro e nem as vestes; não exercera o ministério entre eles por causa de dinheiro. Além disso, por conta duma glória especial que quis ter, trabalhou, como eles sabiam, com suas próprias mãos, cujas palmas calejadas lhes mostrou, a fim de prover o necessário para a vida, tanto de si mesmo como daqueles que serviam com ele. É muito provável, que em Éfeso Paulo também trabalhou em seu ofício, tenha sido com Aquila e Priscila ou com Filemom. Mas este seu elogio pessoal foi bem insignificante diante do trabalho árduo em seu ministério, e com isso mostrara aos cristãos de Éfeso o que foi preciso neste trabalho. Dera-lhes em todas as coisas um exemplo, juntando seus trabalhos manuais com o serviço aos necessitados. Desta forma é uma obrigação socorrer os enfermos e todos aqueles que estão em angústia, lembrando sempre as palavras do Senhor Jesus, que ele próprio disse, e que foram conservadas pelos discípulos, ainda que não contidas nos evangelhos: “Mais bem-aventurado é dar do que receber.” Esta dedicação desinteressada ao servir ao próximo em necessidade fora praticada por Jesus; fora seguida por Paulo; e deve ser emulada por todos os cristãos, pois só assim sua fé encontrará sua apropriada expressão e aplicação.

Os anciãos desejam boa-viagem a seu mestre: *V. 36) Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles. 37) Então houve grande pranto entre todos e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam, 38) entristecidos especialmente pela palavra que ele dissera, que não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio.* A saudação tocante de despedida feita por Paulo emocionara profundamente aos anciãos de Éfeso. E esta impressão aumentou pelo fato que, quando findara sua fala a eles, se ajoelhou, prostrando-se com eles sobre os joelhos, e ergueu uma suplica ardente ao trono da graça, tanto por si mesmo, como pela congregação de Éfeso, pela igreja toda, suplicando a proteção do Senhor sobre o trabalho que ele mesmo realizara. Segundo a maneira do povo impetuoso do sul, a despedida foi muito afetuosa. Aconteceu muito amargo chorar, e, incapazes de controlar seus sentimentos, caíram ao pescoço de Paulo e o beijaram seguidas vezes. Pois haviam sido muito atingidos pela palavra que lhes dissera que não mais veriam seu rosto, nunca mais o veriam expondo-lhes os maravilhosos mistérios de Deus. A seguir, como uma prova final de afeto e respeito, trouxeram o apóstolo até o navio, visto que o ancoradouro ficava a alguma distância do lugar onde se haviam reunido com ele. Notemos: Um afeto tão terno, com expressões semelhantes de amor, duma congregação pelo seu mestre que lhes trouxe a palavra da vida, é testemunhado até mesmo em nossos dias. E, sem dúvida, agrada ao Senhor ver que o relacionamento é assim. Ainda assim, nunca deve ser esquecido que o afeto deve estar centrado na proclamação do evangelho e não na pessoa do pastor ou professor. O evangelho e a obra de salvar almas devem estar sempre na dianteira, e por a eles os servos do Senhor devem ser tidos em alta estima, 1. Ts. 5. 13.

Resumo: Paulo faz a viagem que desejou para a Macedônia e a Grécia, retornando para a Ásia através de Filipos e Trôade, e reunindo-se em Mileto com os anciãos de Éfeso, onde lhes falou em tocante despedida.

Capítulo 21

A Viagem Para Jerusalém. At. 21. 1-16.

De Mileto para Tiro: *V. 1) Depois de nos apartarmos, fizemo-nos à vela, e, correndo em direitura, chegamos a Cós; no dia seguinte, a Rodes, e dali, a Pátara. 2) Achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele, seguindo viagem. 3) Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria e chegamos a Tiro; pois o navio devia ser descarregado ali. 4) Encontramos os discípulos, permanecemos lá durante sete dias; e eles,*

movidos pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém. A despedida dos anciãos foi tão difícil que Paulo e seus companheiros literalmente precisaram arrancar-se dos abraços deles, visto que sentiam muitíssimo a partida do amado apóstolo. Mas, finalmente, embarcaram e içaram as velas quase diretamente para o sul para a ilha de Cóos ou Cós, bem em frente da entrada do Golfo Cerâmico, afastado da costa de Caria que era um distrito da Ásia Proconsular. Com um vento favorável e vigoroso percorreram a distância num só dia. No dia seguinte, com ventos quase tão favoráveis, conseguiram alcançar o porto de Rodes, na ilha de Rodes, onde agora jazia prostrado ao chão o grande Colosso, que fora o farol do porto. Daí sua rota foi quase direto para o leste, para a cidade de Pátara, na Lícia. Aqui deixaram o barco que os trouxera de Trôade, seja porque este tenha sido seu destino, ou porque o navio era empregado no tráfico costeiro e se teria mostrado demasiado lerdo para o objetivo deles. Conseguiram passagem num barco que ia diretamente para a Fenícia, em que embarcaram e içaram velas. No devido tempo avistaram a ilha de Chipre, memorável para Paulo por causa da obra que ali fizera anos antes. Deixaram-na à esquerda, isto é, velejaram ao sul pela ilha num curso direto para a Síria, província a que pertencia a Fenícia. O barco ancorou em Tiro por uma semana para descarregar a carga, e Paulo e seus companheiros desembarcaram. A descarga foi acompanhada com considerável preocupação e levou muito tempo, visto que incluiu também o transporte dos fardos, pacotes e caixas para a cidade. Naturalmente o grupo do apóstolo não perdeu tempo para visitar os discípulos, pois sabiam que havia uma congregação na cidade (um belo exemplo para viajantes cristãos seguir em nossos dias). Sendo sua jornada bem sucedida, ficaram sete dias em Tiro. Estes discípulos, ou seja, alguns deles, pelo Espírito receberam uma revelação especial sobre o destino geral, ao menos, que aguardava Paulo, e lhe disseram repetidas vezes que não subisse a Jerusalém. Parece que esta advertência não esteve incluída na revelação, mas que foi juntada por causa de sua solicitude pelo bem do apóstolo, que, contudo, apesar de todas as ameaças, não foi movido em sua determinação.

De Tiro para Cesaréia: *V. 5) Passados aqueles dias, tendo-nos retirado, prosseguimos viagem, acompanhados por todos, como suas mulheres e filhos, até fora da cidade; ajoelhados na praia, oramos. 6) E, despedindo-nos uns dos outros, então embarcamos; e eles voltaram para suas próprias casas. 7) Quanto a nós, concluindo a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida, onde saudamos os irmãos, passando um dia com eles. 8) No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia; e, entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. 9) Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam.* Quando Paulo e seus companheiros haviam completado os sete dias, quando haviam concluído o tempo, quando findara o período estabelecido no qual haviam permanecido para descarregar o carregamento, então saíram da cidade para continuar sua viagem. E aqui temos ótima evidência da parte duma testemunha ocular que mostra a afetuosa cordialidade que naqueles dias caracterizou o relacionamento dos cristãos em geral. Pois os discípulos da cidade, ou seja, a congregação inteira, não só os homens mas também suas esposas e filhos, os acompanharam em sua partida da cidade. O laço do amor mútuo, ligado pe sua fé mútua, os uniu numa união mais íntima do que o poderia ter feito qualquer amizade terrena. Tendo chegado diante da cidade, na praia arenosa próxima à beira d'água, todos ajoelharam e em oração encomendaram a si e sua causa a Deus. A simplicidade da narrativa neste ponto torna-o tão impressionante. A seguir houve as despedidas dos amigos de uma semana, mutuamente mais caros do que outros de meses e anos, depois do que Paulo e seu grupo subiram a bordo e os demais retornaram para casa. Agora os viajantes, velejando de Tiro, completaram sua viagem; estavam na parte final de sua viagem, descendo pela costa da Síria e da Palestina. A viagem desde a Macedônia fora completada com um atracar em Tiro, sendo que a distância que ainda faltava podia ser feita sem dificuldade. Seu navio entrou e ancorou em Ptolemaida, um porto que fica 14 quilômetros ao norte do Monte Carmelo, e tiveram, assim, uma oportunidade para saudar os irmãos nessa cidade e passar um dia com eles. Mas no dia seguinte partiram e chegaram a Cesaréia, onde findou a viagem por água. Aqui entraram na casa de Filipe o evangelista, originalmente um dos sete diáconos eleitos pela congregação de Jerusalém, cap. 6, mas expulso da cidade pela perseguição de Saulo de Tarso. São atendidos por Filipe com toda a cordialidade por algum tempo. Lucas, que aqui, ao lado de alguns dos companheiros, fez amizade com Filipe, registra que na casa houve quatro filhas, virgens, que possuíam o dom da profecia. Contudo no texto não há nada que nos obrigue a concluir que elas pertenceram a alguma ordem especial, ou que haviam tomado o voto de

castidade. Simplesmente compartilhavam da vida doméstica de seu pai, usando somente seus dons extraordinários quando o Espírito assim o queria, mas não ministravam algum ensino público. O caso delas coube sob o título do cumprimento de Jl. 2. 20, do qual não se pode tirar quaisquer conclusões especiais em relação aos nossos dias.

A profecia de Ágabo: *V. 10) Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo; 11) e, vindo ter conosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios. 12) Quando ouvimos estas palavras tanto nós como os daquele lugar, rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém. 13) Então ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus. 14) Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos: Faça-se a vontade do Senhor. 15) Passados aqueles dias, tendo feito os preparativos, subimos para Jerusalém; 16) e alguns dos discípulos também vieram de Cesaréia conosco, trazendo consigo Mnasom, natural de Chipre, velho discípulo, com quem nos deveríamos hospedar.* Eles, Paulo e seus companheiros ficaram em Cesaréia “alguns dias,” alguns dias mais. Paulo esteve especialmente feliz por ter feito uma viagem rápida, que foi um fato que agora lhe permitiu um tempo a mais, ao menos alguns dias, talvez dez ou doze dias. Mas durante este tempo, passado com a hospitalidade de Filipe e sua família, Paulo recebeu a última profecia e, incidentalmente, a mais exata e explícita, advertindo sobre toda esta viagem. Pois um discípulo de nome Ágabo, que possuía o dom da profecia, desceu de alguma cidade da Judéia, provavelmente de Jerusalém, para a Cesaréia, cap. 11. 28. Quando este homem entrou na casa de Filipe, começou a agir exatamente assim como os profetas do Antigo Testamento, enfatizando por meio dum ato simbólico as palavras que disse. Ele descingiu o cinto com que Paulo prendia suas vestes superiores, cingiu seus próprios pés e suas mãos, e então expôs que os judeus de Jerusalém iriam amarrar da mesma forma como ele fora amarrado o proprietário desse cinto, e que o entregariam nas mãos dos gentios. Isto ele não ousou como sua opinião particular, mas afirmou expressamente que o Espírito Santo foi que profetizou, o que foi um fato que tornou impossíveis quaisquer contestações e dúvidas. Naturalmente o anúncio criou a maior consternação, não só no círculo dos companheiros de Paulo e na família de Filipe, mas em toda a congregação de Cesaréia, nos habitantes da cidade. E todos eles, inclusive Lucas, se uniram na súplica que Paulo não subisse a Jerusalém. Mas Paulo, por alguma razão que não quis divulgar, permaneceu resoluta, não numa falsa busca dum coroa de mártir, pois em outras ocasiões cedera aos pedidos de seus amigos. Ele, contudo, por sua vez, sinceramente pediu-lhes que cessassem. Pediu-lhes quanto ao significado de seu choro, por que insistiam em quebrantar-lhe desta forma o coração. O terno cuidado deles pelo seu bem-estar emocionou-o muito, mas não podia fazê-lo hesitar em sua determinação. Declarou que estava pronto não só para ser algemado, mas também para morrer em Jerusalém por causa do Senhor Jesus. Não podia e não queria negar o nome de seu Salvador. Esteve convicto que seu chamado o estava levando para Jerusalém, e que isto não era assunto de livre escolha. Os cristãos judeus que olhavam com suspeição seus esforços missionários deviam ser persuadidos de sua insensatez, e a unidade da igreja entre judeus e gentios precisava estabelecida definitivamente. Este foi também o propósito da coleta que seus companheiros estava trazendo aos irmãos de Jerusalém. Mesmo que Paulo não expusesse tudo isto em detalhes, os irmãos de Cesaréia desistiram de seus esforços de conservá-lo longe da capital judaica, colocando o assunto e sua solução inteiramente nas mãos do Senhor, cuja vontade devia ser feita. Desta forma, depois que haviam passado os dias com que Paulo havia concordado, ele e seus companheiros juntaram toda bagagem necessária para a viagem e rumaram, numa distância de um pouco mais do que cem quilômetros, ao planalto onde se situava Jerusalém. O grupo deles foi engrossado com a junção de alguns dos discípulos de Cesaréia, que os assistiram na chegada a Jerusalém conduzindo-os à casa de certo Mnasom de Chipre, em cuja casa deviam hospedar-se durante sua permanência. Este homem era um discípulo velho, isto é, um dos discípulos iniciais, um dos que haviam sido convertidos no grande dia de Pentecoste.³⁰⁾ Marquemos que a virtude cristã da hospitalidade foi exercida

³⁰⁾ 84) Cf. Cobern, *The New Archeological Discoveries*, 129; Moulton and Milligan, *Vocabulary*, sub você.

livremente nos primeiros dias da igreja, em cada cidade onde Paulo e seu grupo tiveram tempo de parar.

O Levante Judeu Contra Paulo. At. 21. 17-39.

A recepção em Jerusalém: *V. 17) Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. 18) No dia seguinte Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros se reuniram. 19) E, tendo-os saudado, contou minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério.* Quando Paulo e seus companheiros alcançaram Jerusalém, os irmãos da congregação os receberam com alegria, o muito encorajou a todos. No dia seguinte houve uma reunião mais formal, que Paulo levou seus companheiros e os apresentou a Tiago, o irmão do Senhor, que foi o mais antigo dos anciãos da congregação. Os demais anciãos da congregação também estiveram presentes na entrevista. Paulo, depois de saudá-los, começou a narrar, literalmente, a dar-lhes um relato, um a um, e em cuidadosos detalhes, o que o Senhor fizera pelo seu ministério entre os gentios. Isto se referiu especialmente ao sucesso da segunda e da terceira viagem, pois os irmãos de Jerusalém já haviam ouvido a história da primeira viagem, cap. 15. 4. Paulo, muito provavelmente, também trouxe em sua descrição o fato de que cumpriu as resoluções da conferência de Jerusalém feitas uns oito ou nove anos antes. Relatos dos campos missionários sempre se mostravam muito interessantes aos irmãos cristãos, e estimulavam o interesse para o trabalho.

Um caso de preconceito judeu: *V. 20) Ouvindo-o, deram eles glória a Deus e lhe disseram: Bem vêes, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei; 21) e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos nem andar segundo os costumes da lei. 22) Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua chegada. 23) Faze, portanto, o que te vamos dizer: Estão entre nós quatro homens que voluntariamente aceitaram voto; 24) toma-os, purifica-te com eles, e faze a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei. 25) Quanto aos gentios que creram, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas.* As fileiras e os arquivos da congregação de Jerusalém ainda estavam muito impregnados com preconceitos judeus, e mesmo os anciãos, inclusive Tiago, ainda não haviam atingido aquela claridade na distinção entre a liberdade cristã e os costumes judaicos que era necessária para uma apreciação plena das bênçãos do Novo Testamento. A associação de anciãos reagiu com louvores a Deus ao relato de Paulo, expressando seu pleno acordo com seu modo de trabalhar. Incidentalmente, porém, tiveram um pequeno assunto que julgaram ser suficientemente importante para levar ao seu conhecimento. Como o expressaram, o próprio Paulo deve ter visto, em especial em Jerusalém, que havia milhares de judeus crentes, que de fato haviam aceitado Jesus como o Messias prometido. Estes, contudo, ao mesmo tempo permaneceram na lei e fervorosamente a defendiam, crendo que a guarda de todos os preceitos e tradições era necessária e até essencial. Estes judeus haviam ouvido o relato, e recebido informação sobre Paulo, de que ele ensinava a apostasia de Moisés, não em geral, mas a todos os judeus que viviam na diáspora, isto é, entre os gentios fora do país. Esta acusação geral foi específica em dois exemplos, a saber, que Paulo os ensinava a não praticar o rito da circuncisão, e que também os convenceu a não andar segundo os costumes, as observações que pela tradição e pelo costume se haviam tornado obrigatórias. É preciso dizer que estas acusações não eram verdadeiras. Paulo não ensinava aos judeus a não circuncidar seus filhos, mas ele próprio obrigou a circuncisão de Timóteo, que era meio-judeu, por causa do provável trabalho deste último entre os judeus. Paulo não os ensinava a esquecer os costumes de seus pais; pois ele próprio, mais ou menos um ano antes, escrevera aos coríntios que ele fora um judeu aos judeus, 1.Co. 9. 20, 21. Ele nunca deixou de enxergar a distinção entre o que temos a liberdade de fazer por causa de outros, e o que somos obrigados a fazer em obediência a Deus. E esta distinção fora destacada em seus esforços para convencer os judeus de que os ritos antigos já não mais eram obrigatórios à consciência deles. Disso tudo os anciãos de Jerusalém podem ter estado mais ou menos conscientes, mas estiveram temerosos de que os cristãos de origem judaica, que ainda não haviam chegado a um nível de conhecimento

apropriado da diferença entre o Antigo e o Novo Testamentos, continuassem em seu ataque. Buscando por algo que pudesse ser feito nestas circunstâncias, sentiram que era absolutamente necessária a reunião de toda a congregação, visto que neste momento a notícia da chegada de Paulo já se espalhara por toda a cidade. Por isso, para evitar qualquer coisa desagradável, sugeriram a Paulo sobre o que poderia ser feito para afastar todas as impressões falsas e, ao menos em parte, fazer frente aos irmãos fracos. Tinham na congregação três irmãos que estavam sob um voto nazireu, Nm. 6. 2-12, que pesava sobre eles como uma obrigação ainda não realizada. “Isto fazia necessária sua purificação, a qual exigia sete dias para ser completada, havendo o raspar de suas cabeças diante do altar, o sacrificio duma oferta de expiação de pecados e uma oferta queimada para cada um deles, e a perda do tempo passado sob o voto. A parte de Paulo com eles foi, primeiro, ser responsável por eles, o que significou que ele pagou parte ou toda a despesa dos holocaustos que deviam ofertar, e, segundo, dirigir-se ao templo e informar os sacerdotes quando estaria cumprido o dia de purificação de todos eles, para que um sacerdote pudesse estar a postos para sacrificar suas ofertas. Este último eles próprios não podiam fazer, porque durante de sua impureza a lei os excluía do átrio dos judeus; mas, porque Paulo esteve impuro, não por causa dum contacto com um ser morto, mas por causa de uma das muitas outras causas mencionadas na lei, podia ele se purificar num único dia por meio do lavar das suas roupas e do banhar seu corpo e permanecendo impuro até o entardecer, Lv. 15. 1-30.”³¹⁾ Este ato de Paulo daria a todos a compreensão, que as coisas que haviam sido contadas sobre ele não tinham qualquer fundamento, e que ele se comportava como a lei o exigia. E quando no que dizia respeito aos cristãos de origem gentia, os anciãos de Jerusalém reafirmaram a Paulo, quando o recordaram de sua resolução feita na presença dele, que não estavam obrigados a guardar a lei cerimonial judaica, mas que se guardassem de comer a carne dos sacrificios a ídolos, bem como do sangue e da carne de animais estrangulados, e que precisavam evitar o vício sexual da fornicção. Desta descrição está claro que os membros da congregação de Jerusalém ainda eram ardentes defensores da lei cerimonial mosaica. Continuaram a circuncidar seus filhos, e respeitavam as purificações descritas pelas leis eclesiásticas. Mesmo que, em certos casos, incluíam a oferta de sacrificios, como sendo obrigatórios para os cristãos de origem judaica, não impunham nenhuma destas observâncias sobre os irmãos gentios, pois confessavam as resoluções da anterior conferência cobria totalmente seu assunto. Enquanto pode ser entendida uma mera fraqueza ou falta de conhecimento espiritual, um comportamento como este pode ser tolerado, mas, tão logo, que coisas em si mesmas indiferentes são impostas como se fossem leis de Deus, deve se insistir na liberdade do evangelho.

O começo do tumulto: *V. 26) Então Paulo, tomando aqueles homens, no dia seguinte tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles. 27) Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da Asia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram, 28) gritando: Israelitas, socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado. 29) Pois antes tinham visto a Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade, e julgavam que Paulo o introduzira no templo. 30) Agitou-se toda a cidade, havendo concorrência do povo; e agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo, e imediatamente foram fechadas as portas.* Aqui Paulo mostrou que o espírito de Cristo vivia nele, que, por amor a outros, estava disposto a participar numa cerimônia da qual sabia que ela perdera seu significado e valor real e se tornara uma mera forma vazia, 1.Co. 9. 20. Levou consigo os quatro homens, tornou-se seu companheiro, cumpriu em seu próprio caso os exigidos ritos de purificação, a seguir entrou no templo propriamente dito, ou seja, naquela parte que estava reservada para o uso exclusivo dos filhos de Israel, onde informou, para a comodidade dos sacerdotes, o dia em que o voto findara, e as ofertas necessárias trazidas em favor de cada um deles. Paulo, pelo que parece, passara no tempo a maior parte do tempo da semana, caso não completamente. Foi assim que ele se tornou tudo para com todos. Notemos: Em assuntos em que não está envolvido qualquer princípio escriturístico fundamental, um cristão se pode acomodar a outros, mas que tenha o cuidado para

³¹⁾ 85) McGarvey, *New Commentary on Acts, II. 208.*

que hipocrisia e temor diante de pessoas sejam a razão para proceder assim. Até este ponto tudo transcorreria em gratificante tranqüilidade, e parecia que nenhuma nuvem enegrecesse o horizonte. Por isso foi tanto mais surpreendente o fato que a tempestade irrompesse dum céu quase de brigadeiro. Pois quando os sete dias da purificação dos nazireus estiveram por findar, que foi o tempo em que o apóstolo esteve ligado a eles, viram-no no templo judeus da província da Ásia, provavelmente da própria cidade de Éfeso, que haviam subido para a festa de pentecostes, cuja ira foi imediatamente inflamada ao ponto duma fúria reacionária. O próprio fato que este suposto desprezador do templo se atreveu a entrar nas suas cortes internas (as quais eram proibidas aos gentios sob pena de morte) foi na avaliação deles um insulto. Por isso imediatamente provocaram uma perturbação, incitaram o povo, semelhante a líquidos que não se deixam misturar e se agitam de um lado para o outro, e lançaram mãos violentas em Paulo. Ao mesmo tempo ergueram suas vozes, convocando a multidão de israelitas para que os socorressem. Já o nome em si queria lembra-los da dignidade e da glória, das esperanças e das obrigações, de sua nação. Referindo-se de modo desprezível a Paulo como “este homem”, este proscrito, acusaram-no de ter o hábito de ensinar a todas as pessoas, em qualquer lugar, tanto contra as pessoas, como contra a lei, contra este lugar e contra esta cidade. Notamos a significativa incidência de que a acusação contra Paulo é feita quase nas mesmas palavras como aquela que fora erguida contra Estêvão, cap. 6. 13. Mas a parte mais grave da acusação foi a alegação que Paulo trouxera gregos para dentro do próprio templo, para dentro do “soreg” ou do muro de pedra, que continha o santuário, e que desta forma profanara o próprio lugar santo. Mas esta última acusação se baseou sobre uma suposição falsa, a saber, que Paulo tivesse trazido para dentro do templo a Trófimo, o delegado da congregação de Éfeso, que na cidade havia sido visto em sua companhia, o que foi uma dedução totalmente injustificada. Mas os judeus estiveram numa disposição de espírito que quis acalmar sua suspeição até mesmo com a menor das evidências, caso, ao menos, pudessem ter sucesso para acabar com Paulo. O efeito imediato de sua acusação e denúncia sensacional e veemente certamente não deixou nada a desejar. A cidade toda foi posta em movimento, tendo a agitação se espalhado qual fogo selvagem. Houve uma acorrida tumultuada das pessoas. E ele foi rodeado por um bando de pessoas que o agarraram e arrastaram para fora do santuário para o pátio dos gentios. A seguir foram fechadas as portas do templo, do santuário, pelos levitas, por temor que o templo pudesse ser profanado pelo derramar de sangue, ou porque creram que esta profanação já tivesse ocorrido pela entrada de gentios em seu lugar santo, e que este precisasse ser purificado antes de ser reaberto. Notemos: Os judeus, tal qual seus sucessores em nossos dias, foram tão hostis ao evangelho pregado por Paulo, porque ele condenou sua presunção farisaica e testificou tanto diante dos judeus e como dos gregos que uma pessoa só é justificada pela fé, sem os feitos da lei. A igreja falsa, que vangloria sua própria justiça, e o mundo honrável e virtuoso sempre foram os principais inimigos da igreja de Cristo e do evangelho da graça sem reserva e da misericórdia de Deus.

O capitão do pelotão da guarda romana interfere: *V. 31) Procurando eles matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força de que toda Jerusalém estava amotinada. 32) Então este, levando logo soldados e centuriões, correu para o meio do povo. Ao verem chegar o comandante e os soldados, cessaram de espancar a Paulo. 33) Aproximando-se o comandante, apoderou-se de Paulo e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias, perguntando quem era e que havia feito. 34) Na multidão, uns gritavam de um modo, outros de outro; não podendo ele, porém, saber a verdade por causa do tumulto, ordenou que Paulo fosse recolhido à fortaleza.* Foi tipicamente uma horda, sem razão e sem juízo, que se agitava de um lado para o outro no pátio dos gentios, em que cada um queria agarrar ao prisioneiro e ultrajá-lo, estando todos com muita vontade de matá-lo. Neste momento, porém, alguém trouxe a notícia ao oficial romano na Torre Antônia, que vigiava o templo e seus pátios, de que a cidade inteira de Jerusalém estava em confusão, que um motim envolvia a todos os seus habitantes. E este oficial, que era o tribuno militar ou o quiliarca, visto que tinha sob seu comando mil homens na guarnição, não perdeu tempo, mas tomou várias centenas de homens com seus centuriões, ou oficiais, consigo e se precipitou sobre a turba agitada, ou seja desceu do castelo à plataforma do pátio abaixo, onde se situava o centro do tumulto. Esta ação rápida provavelmente salvou a vida de Paulo. Pois quando o povo viu o tribuno, parou de bater ao prisioneiro. Então quando o oficial que comandava chegou mais perto, viu que Paulo estava no

centro e, de certa maneira, a causa da perturbação. Por isso, com muita propriedade, concluiu que era um criminoso sobre quem os judeus estavam executando célere castigo. Visto que esta não era a hora para fazer inquérito, tomou o prisioneiro sob sua guarda e deu ordem para que fosse preso com duas cadeias. Tendo-o amarrado e sob sua proteção, ao menos em parte, contra a investida furiosa da turba, o quiliarca a seguir tentou descobrir que ele era e o que havia feito. Mas, como via de regra acontece com turbas, já não havia mais qualquer noção clara a respeito do que se tratava; uns gritando uma coisa, outros, outra, e logo ficou claro ao oficial que, por causa do tumulto, era impossível descobrir os fatos. Por isso ordenou que Paulo fosse conduzido ao quartel da Torre Antônia. Desta forma Deus salvara mais uma vez a vida de seu servo, visto que queria que ele desse testemunho do evangelho perante alguns dos poderosos desta terra.

A caminho do quartel: *V. 35) Ao chegar às escadas dói preciso que os soldados o carregassem, por causa da violência da multidão, 36) pois a massa do povo o seguia gritando: Mata-o! 37) E, quando Paulo já ia sendo recolhido à fortaleza, disse ao comandante: É-me permitido dizer-te alguma coisa? Respondeu ele: Sabes o grego? 38) Não és tu, porventura, o egípcio que há tempos sublevou e conduziu ao deserto quatro mil sicários? 39) Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante de Cilícia; e rogo-te que me permitas falar ao povo.* Diante da vinda do tribuno com seu grupo, arrefeceu um pouco o tumulto do povo. Mas quando os soldados se puseram a cumprir a ordem de seu comandante, um novo frenesi tomou conta do povo, visto que sua presa estava para lhes escapar das mãos. Desta forma aconteceu que, quando Paulo chegou aos degraus que conduziam à Torre Antônia, o povo tresloucado se acotovelou em crescente violência ao redor do pequeno grupo de soldados, numa tentativa de alcançar a Paulo. A situação esteve tão perigosa que os soldados se viram obrigados a erguer Paulo e carregá-lo, por causa da fúria do povo. Pois a multidão do povo insistia em segui-los, incidentalmente fazendo ecoar o grito: Mata-o! Executa-o! que foi o grito que a turba dos judeus estava acostumada a levantar, Lc. 23. 18; Jo. 19. 15. Quando os soldados, tendo o prisioneiro em seu meio, haviam alcançado o topo da escada, com toda a área do templo abaixo deles lotada duma turba em torvelinho e aos berros, já estando eles por entrar no quartel, Paulo se voltou ao oficial comandante com a pergunta se lhe era permitido falar-lhe. O último, um tanto surpreso, perguntou: Como! entendes grego? O quiliarca havia concluído, com base na violência da turba e de outros indícios, que Paulo, sem dúvida, devia ser aquele egípcio, também mencionado por Josefo, ou seja, o homem que conduzira um grupo de quatro mil sicários, assassinos, para o deserto. Fora de dúvida o tribuno julgou que o egípcio se aventurara retornar à cidade depois de sua infeliz derrota e que agora fora atacado como um impostor. Paulo, contudo, o corrigiu em breves palavras, dizendo-lhe que era judeu de Tarso na Cilícia, sobre o que, com perdoável vaidade, ainda acrescenta, que era cidadão não duma cidade qualquer, pois Tarso era uma cidade grande e florescente. Tendo sido desfeita a séria suspeição do tribuno, Paulo agora acrescenta o pedido mais sincero que lhe seja dada a permissão de se dirigir ao povo. Mesmo nesta emergência foi sua intenção desfazer o preconceito deles contra ele e o evangelho de Jesus, e assim, se possível, conseguir convertidos para a palavra da graça.

Resumo: Paulo continua sua viagem de Mileto a Tiro e de lá para Cesaréia, donde ele se desloca para Jerusalém, onde os judeus da Ásia levantam um tumulto contra ele, e sua vida é salva pela pronta interferência do quiliarca romano.